

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCELA GUIMARÃES SILVA**

**Futuros precários e o fenômeno youtuber: história, neoliberalismo e temporalidade**

Mariana, Minas Gerais

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCELA GUIMARÃES SILVA**

**Futuros precários e o fenômeno youtuber: história, neoliberalismo e temporalidade**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em História.

Linha 2: Ideias, Linguagens e Historiografia

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira

Mariana, Minas Gerais

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586f Silva, Marcela Guimarães.  
Futuros precários e o fenômeno youtuber [manuscrito]: história,  
neoliberalismo e temporalidade. / Marcela Guimarães Silva. - 2022.  
62 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em  
História.

Área de Concentração: História.

1. Historiadores. 2. Youtube (Recurso eletrônico) - Aspectos sociais. 3.  
Emprego precário. 4. Neoliberalismo. I. Pereira, Mateus Henrique de  
Faria. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 930.1(043.3)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Marcela Guimarães Silva**

### **Futuros precários e o fenômeno youtuber: história, neoliberalismo e temporalidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre

Aprovada em 21 de Dezembro de 2022

#### Membros da banca

Doutor em História- Mateus Henrique de Faria Pereira - Orientador(a) (universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor em História - Luisa Rauter Pereira - (Universidade Federal de Ouro Preto))  
Doutor em História - Pedro Telles da Silveira - (universidade Federal do Rio Grande do sul)

Mateus Henrique de Faria Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 27/03/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, DIRETOR(A) DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**, em 27/03/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0498711** e o código CRC **43B723B6**.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha rede de apoio. Tenho consciência da dificuldade que encontrei nos últimos anos em terminar este trabalho mas sei, também, que tive o privilégio de ter grande apoio de pessoas que me impulsionaram, escutaram e deram o suporte necessário. Portanto, agradeço imensamente ao meu orientador Mateus Pereira, que não desistiu deste trabalho por um momento sequer. Depois, agradeço à minha mãe e melhor amiga, Nilce, que tem a escuta atenta, o conselho sóbrio e o colo mais carinhoso. Desejo ser para o meu filho a grande amiga que minha mãe é para mim. Agradeço, então, ao Leon, meu companheiro do trabalho mais importante - e que nunca ficará totalmente pronto: o de criar e educar um filho. Ele, que tem a maior disponibilidade em aprender e o coração mais tenro que eu já conheci. Agradeço à minha irmã e madrinha, Árina, que sempre me encorajou à autonomia e que é solidez quando tudo parece perecer. Agradeço, também, à minha amiga-irmã, Thalita, que me inspira a ter fé no futuro, na ciência, e na magia que nos cerca diariamente. A essas e tantas outras que cruzaram meu caminho nos últimos anos, muito obrigada.

Gostaria, também, de dedicar este trabalho à professora Alcione, que foi a pessoa que me mostrou a importância de conhecermos nosso passado como ele é. Que a voz dela ainda possa ecoar e ensinar a tantas pessoas que precisam e se sentem abertas à aprender. Que ela tenha força de seguir ensinando sobre o passado, com pés firmes no presente e olhos no futuro. Que ela não sinta medo da sua voz porque é essa mesma voz que eu escuto do momento em que entrei no pré-vestibular a este em que termino uma fase da pós-graduação.

Dedico este trabalho às tantas outras “Alciones” que seguem firmes na corajosa missão de educar, combatendo a ignorância diária.

E, por fim, a vocês, crianças, eu conto que nos inspirem a criar um mundo melhor, mais tolerante e amoroso: Octavio, Gael, Maria, Heitor, Pedro e Martin.

## RESUMO

Este trabalho surgiu a partir de uma preocupação do próprio lugar de atuação do historiador frente às mudanças na esfera do trabalho e da maneira com que as novas tecnologias têm sido agenciadas em um contexto de governança neoliberal. O cenário em que ele foi desenvolvido estará presente, permeando todo o texto. De maneira prática, ele foi dividido em dois capítulos que tem como objetivo pautar a discussão sobre a precarização do trabalho e do agenciamento das novas tecnologias, sendo eles: I) sobre o neoliberalismo e II) sobre o fenômeno youtuber, que dança entre a promessa de inovação e a escassez de alternativas no mundo do trabalho. Em suma, a dissertação é fruto de uma jornada não linear de mestrado, pensada, também, sobre as perspectivas de futuro do jovem universitário, que ainda procura contar com a proteção das instituições.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; Mercado de trabalho; Precarização; Mídias sociais; História pública; Tecnologia; Influencer; YouTube;

## **ABSTRACT**

This work arose from a concern with the historian's own place of action in the face of changes in the sphere of work and the way in which new technologies have been managed in a context of neoliberal governance. The scenario in which it was developed will be present, permeating the entire text. In a practical way, it was divided into two chapters that aim to guide the discussion on the precariousness of work and the agency of new technologies, namely: I) on neoliberalism and II) on the youtuber phenomenon, which dances between the promise of innovation and the scarcity of alternatives in the world of work. In short, the dissertation is the result of a non-linear master's journey, also thought about the future prospects of young university students, who still seek to rely on the protection of institutions.

**Keywords:** Neoliberalism; Job market; Precariousness; Social media; Public history; Technology; Influencer; YouTube;



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
Cenário	13
<b>1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO</b>	<b>17</b>
1.1 Neoliberalismo	20
1.2 Biopolítica e Neoliberalismo	24
1.3 Mundo digital e Neoliberalismo	27
<b>2. PERFORMANCE DIGITAL: A ASCENSÃO DO YOUTUBE</b>	<b>37</b>
2.1 Uma breve introdução a "você".	37
2.2 O YouTube pós Google	39
2.3 O fenômeno youtuber	49
<b>Conclusão</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

Me proponho aqui - diferente das expectativas que tinha ao ingressar no mestrado - a fazer um trabalho curto, mas não menos embasado. Há vários motivos para isso. O primeiro e mais importante, acredito, é que estou no sétimo mês de gravidez e, no momento, preciso dividir meu tempo entre me dedicar à pesquisa histórica, me adaptar ao meu novo corpo, suas expansões e limitações, e pensar técnicas de respiração que permitirão que o parto seja menos doloroso - ainda que, quando escrevo isso, me pergunto se é sobre o parto do bebê ou do processo de escrita. No entanto, pensar a gravidez como um fator descolado dos outros motivos que me levaram a fazer um trabalho menor me parece não fazer sentido. Pelo contrário, mais do que nunca, percebo em mim o crescente desejo de me manter esclarecida, contribuindo para a pesquisa histórica brasileira e aberta ao pensamento crítico. Na medida em que escrevo e brinco com os pezinhos que tocam a minha barriga me parece que, hoje, o futuro voltou a existir.

O trabalho que foi desenvolvido ao longo destes dois anos de mestrado carrega consigo rastros do primeiro contato que tive com a UFOP, em 2018, em um momento tenso de pré-eleição de Jair Bolsonaro, no X Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia. Foi quando, então, surgiu o questionamento sobre o lugar, não somente das Instituições de ensino que vêm sofrendo ataques quanto a sua legitimidade, mas quanto ao que ocupo na sociedade contemporânea enquanto profissional da História. O questionamento em pauta veio através do interesse pelo campo da História Digital quando, naquele mesmo seminário, participei do minicurso "História, técnica e novas mídias: perspectivas teóricas entre a história e as tecnologias digitais", ministrado por Pedro Telles da Silveira, que me trouxe para o tempo presente enquanto agente da história frente à era das *fake news*. E foi, a partir deste contato, que atentei meu interesse à discussão sobre a história pública e os

regimes de historicidade, ou seja, produções historiográficas que me permitiam pensar sobre como as novas tecnologias têm sido agenciadas.

Gostaria de atentar ao fato de que naquele mesmo ano de 2018, a ciência brasileira, que vinha sofrendo ataques potencializados pela era da informação (ou da desinformação?), parece ter tido a confirmação de tal desmerecimento na figura do Museu Nacional em chamas. Assim como colocado por João Moreira Salles em artigo intitulado *El Salvador: a respeito da força e da fragilidade*, para a edição da Piauí da Festa Literária Internacional de Paraty de 2019, ao fazer referência ao incêndio no Museu Nacional, utiliza-se das palavras de Paul Ricoeur presentes em seu pequeno livro *O Único e Singular*, que diz: "Onde há poder, há fragilidade. E onde há fragilidade, há responsabilidade. Quanto a mim, diria que mesmo que o objeto da responsabilidade é o frágil, o perecível que nos solicita, porque o frágil está, de algum modo, confiado à nossa guarda, entregue ao nosso cuidado." E, ao citar o filósofo francês, Moreira Salles nos atenta para a nossa incapacidade de zelar pelo que é frágil: "foram-se os besouros, os pássaros, os peixes de animais já desaparecidos", disse o autor, "foram-se coleções de fósseis, de plantas, de idiomas extintos, com suas palavras que nunca mais serão pronunciadas; (...) Um mundo de coisas delicadas que estavam confiadas à nossa guarda."<sup>1</sup> Não pude deixar de trazer o enfoque, portanto, para o trabalho histórico materializado na figura do museu em chamas. Se, a "metáfora funciona como um símbolo, não como um signo", como afirma Hayden White, ela "não nos fornece uma *descrição* ou um *ícone* da coisa que representa, porém *nos diz* que imagens devemos procurar em nossa experiência culturalmente codificada a fim de determinar de que modo *nos devemos sentir* em relação à coisa representada"<sup>35</sup>. Nesse sentido, a metáfora do incêndio no museu é clara: não diz respeito apenas ao descuido técnico de seus objetos e estrutura, diz respeito de uma

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. O único e o singular. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. *apud* Salles, João Moreira. "El Salvador: a respeito da força e da fragilidade." Piauí FLIP 17ª Festa Literária Internacional de Paraty, Rio de Janeiro: Alvinegra, p.10-15, dezembro de 2018.

cultura histórica frágil, que necessita de atenção. Afinal, “a desatenção é a primeira etapa da violência”, atestou João Moreira Salles no mesmo artigo. Neste sentido, a violência para a sociedade democrática me parece ser o descrédito do conhecimento histórico. Ou, como nos aponta Rodrigo Turin sobre o mesmo fato: "antes de ser um mero acidente, esse evento releva uma característica estrutural do lugar frágil das instituições de ensino e de pesquisa sob as novas formas de temporalização da sociedade contemporânea."<sup>2</sup>

No entanto, o questionamento sobre o lugar do profissional da História, sobre seu valor e descrédito, só me fez mais claro mais tarde quando, em 2020, através das disciplinas cursadas no mestrado da UFOP - Seminário Extraordinário de Pesquisa: "Teoria, Historiografia, Ética e Política", "Biopolítica, Neoliberalismo e Tecnologia" e "Historiografia e Ética"-, tive acesso às leituras de autores como Wendy Brown, Judith Butler, Michel Foucault e Giorgio Agamben, e percebi que minha questão se insere no contexto maior de governança neoliberal. E que, assim, a discussão sobre as novas tecnologias e o papel do historiador eram lacunas dentro de um sistema que tinha seus próprios aparatos linguísticos de narrativa da sociedade.

---

<sup>2</sup> TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. in: AVILA, A. (Org.) ; NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.) . **A História (in)Disciplinada Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.

# Imagem 1 - CAPES 34/2020

## DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1

### FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

#### PORTARIA Nº 34, DE 9 DE MARÇO DE 2020

Dispõe sobre as condições para fomento a cursos de pós-graduação stricto sensu pela Diretoria de Programas e Bolsas no País da CAPES.

O PRESIDENTE DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelos incisos II, III e IX do art. 26 do Estatuto da CAPES, aprovado pelo Decreto nº 8.977, de 30 de janeiro de 2017, tendo em vista o disposto na Portaria MEC nº 389, de 23 de março de 2017, e nas Portarias CAPES nº 60, de 20 de março de 2019, e nº 90, de 24 de abril de 2019, e considerando o constante dos autos do processo nº 23038.017607/2019-15, resolve:

Art. 1º Esta Portaria estabelece as condições para o fomento a cursos de pós-graduação stricto sensu pela Diretoria de Programas e Bolsas no País (DPB) da CAPES.

Art. 2º O fomento de que trata esta Portaria atenderá as diferenças estruturais entre os cursos de pós-graduação stricto sensu realizados nas modalidades acadêmica e profissional, ofertados presencialmente ou a distância, por instituições de ensino superior devidamente credenciadas, nos termos da legislação vigente.

Art. 3º A definição de valores, critérios e prioridades para o fomento aos cursos de que trata esta Portaria condicionar-se-á à existência de disponibilidade orçamentária e dar-se-á fundamentadamente, mediante juízo de oportunidade e conveniência da Administração.

Art. 4º São passíveis de fomento:

I - os cursos de pós-graduação stricto sensu de caráter acadêmico presencial, salvo quando incidente alguma hipótese de vedação; e

II - os cursos de pós-graduação stricto sensu de caráter acadêmico ou profissional, presenciais ou à distância, quando forem formalmente contemplados programas estratégicos, por decisão fundamentada da Diretoria-Executiva da Capes.

Art. 5º É vedado o fomento aos cursos de que trata o inciso I do art. 4º:

I - no primeiro ano de seu funcionamento;

II - no mesmo ano da homologação de alteração da modalidade profissional para acadêmico presencial;

III - quando as três últimas notas da Avaliação forem iguais a 3 (três); ou

IV - a partir do momento em que for deferido pedido de alteração da modalidade do curso de acadêmico para profissional presencial ou à distância.

Parágrafo único. Na hipótese do inciso IV, disciplinada neste artigo, as bolsas ativas poderão ser mantidas até o término de suas vigências, sendo vedada a substituição de bolsista, e desde que o discente permaneça vinculado ao programa de pós-graduação acadêmico e presencial de origem.

Art. 6º Na ocorrência de fusão de cursos de pós-graduação stricto sensu, o curso resultante receberá a totalidade do fomento atribuído aos cursos de origem até a próxima revisão do modelo de redistribuição.

Art. 7º Na ocorrência de desmembramento de cursos de pós-graduação stricto sensu, o curso original permanecerá com o fomento a ele atribuído até a próxima revisão do modelo de redistribuição e os demais cursos resultantes submeter-se-ão às normas previstas para cursos novos.

Art. 8º Fica determinada a revisão dos pisos e dos tetos da redistribuição de bolsas definida pelas Portarias nº 18, nº 20 e nº 21, de fevereiro de 2020, de modo a conferir maior concretude à avaliação da pós-graduação e maior prioridade aos cursos mais bem avaliados, cujo resultado final deverá obedecer aos seguintes limites:

I - diminuição não superior a 50% (cinquenta por cento), para cursos cujas duas últimas notas forem iguais a 3 (três), vedado qualquer acréscimo;

II - diminuição não superior a 45% (quarenta e cinco por cento), para cursos cuja nota atual for igual a 3, vedado qualquer acréscimo;

III - diminuição não superior a 40% (quarenta por cento) ou acréscimo limitado a 10% (dez por cento), para cursos cuja nota atual for igual a 4;

IV - diminuição não superior a 35% (trinta e cinco por cento) ou acréscimo limitado a 30% (trinta por cento), para cursos cuja nota atual for igual a 5; ou

V - diminuição ou acréscimo a 10% (dez por cento), para cursos de nota A ou de nota 3 ainda não submetidos a processo de avaliação de permanência;

VI - diminuição superior a 30% (trinta por cento) ou acréscimo a 70% (setenta por cento), para cursos cuja nota atual for igual a 6; ou

VII - diminuição não superior a 20% (vinte por cento), para cursos cuja nota atual for igual a 7, sem limitação de teto.

§ 1º Os percentuais referidos neste artigo aplicam-se, conforme o Programa, ao somatório de bolsas ou de bolsas e taxas, concedidas em fevereiro de 2020, nos termos da respectiva regulamentação.

§ 2º Os quantitativos apurados na forma deste artigo serão arredondados para número inteiro, segundo a norma ABNT NBR 5891.

§ 3º Quando da aplicação dos percentuais acima resultar quantitativo inferior a 5 (cinco), o arredondamento dar-se-á para o número inteiro imediatamente superior.

§ 4º Para cursos avaliados com nota 6, o acréscimo que trata este artigo poderá ultrapassar 70% (setenta por cento) nas hipóteses em que, após a apuração, não se atingir o piso de 6 bolsas de mestrado e 3 de doutorado.

Art. 9º Os casos omissos serão resolvidos pelo Presidente da Capes.

Art. 10. Ficam revogados:

I - o art. 6º da Portaria nº 18, de 20 de fevereiro de 2020;

II - o art. 6º da Portaria nº 20, de 20 de fevereiro de 2020;

III - o art. 6º da Portaria nº 21, de 26 de fevereiro de 2020; e

IV - a Portaria nº 150, de 28 de junho de 2019.

Art. 11. Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

BENEDITO GUIMARÃES AGUIAR NETO

Fonte: Portaria nº 34, de 9 de março de 2020<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Portaria nº 34, de 9 de março de 2020. Disponível em: <http://www.prgp.ufpb.br/prgp/contents/downloads/Portarian34de9deMarode2020.PDF/view>. Último acesso em 13 de dezembro de 2022.

Portanto, quando olho em retrospectiva para os pequenos acontecimentos que marcaram minha trajetória, como corte de bolsas de mestrado através da portaria CAPES 34/2020, a pandemia da COVID-19, a necessidade de trabalhar de maneira precarizada para uma empresa de marketing político durante dois anos e que me tirou tempo valioso e oportuno de pesquisa acadêmica, a intensa concorrência por uma vaga de professora de história na educação básica que cada vez mais tem se utilizado da lógica empresarial, tudo isso só me reforça a necessidade da pergunta sobre o lugar do profissional da história frente à precarização intrínseca de um modelo de governança neoliberal.

### Imagem 2 - Historiador também pode ser youtuber



*Fonte: Entrevista com Icles Rodrigues para o Café História<sup>4</sup>*

No entanto, frente a todas as reconfigurações sociais e de trabalho, escolhi especificamente para essa dissertação tratar da ascensão do fenômeno youtuber. Ainda que minhas preocupações partam do meu campo de atuação, que é a história e a educação, comecei a me interessar pelo assunto quando percebi que alguns historiadores visaram a

<sup>4</sup> Historiador também pode ser youtuber. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historiador-e-youtuber/>. Último acesso em 13 de dezembro de 2022.

necessidade de ocupar as redes sociais. Por isso, escolhi um estudo de caso que me ajudasse a entender melhor este mundo e as pessoas que viram o YouTube como uma fonte de atuação, influência e renda. Sem falar que, levando em consideração os ataques às universidades nos últimos anos, milhares de pessoas foram procurar no YouTube conhecimentos rápidos, porém duvidosos sobre a História.

Gostaria, por fim, de trazer a perspectiva psicológica para ilustrar o cenário em que este trabalho foi desenvolvido.

## Cenário

Iniciei o ano de 2020, curiosamente, lendo *O Ano do Pensamento Mágico*<sup>5</sup>, da ensaísta norte-americana, Joan Didion. Nele, Didion procura lidar com o luto pela morte de seu marido, o escritor John Gregory Dunne. Em uma longa pesquisa a respeito do tema, passando por repertórios médicos, psicológicos, literários e espirituais a viúva, utiliza-se de tais referências a medida em que flutuam, entre um capítulo e outro, memórias, agora em processo de ressignificação, de um outro tempo, quando Dunne era vivo. Jornalistas referem-se a ela como “aquela que pôs o coração no saco”<sup>6</sup>, quando tratam da aparente frieza da autora em encarar o tema, ainda visto como tabu na sociedade, enquanto debruça-se sobre a morte do próprio marido. Colocar o coração no saco de papel<sup>7</sup> foi, inclusive, um conselho que Didion recebera anos atrás, como uma alternativa ao lamento. E assim foi feito como “um mecanismo de enfrentamento”, rebate Didion<sup>8</sup>.

O período da escrita do livro foi, cuidadosamente, nomeado pela autora de pensamento mágico, processo pelo qual o trabalho final foi batizado. O conceito de pensamento mágico, emprestado da psicologia e, aqui, utilizado no sentido antropológico, compete à que, se uma pessoa espera algo o suficiente ou realiza ações corretas, um evento inevitável pode ser evitado. É possível ver decorrências desse tipo de pensamento quando, por exemplo, Didion se recusa a doar os sapatos do falecido marido em caso ele venha a precisar quando *retornar*. A inabilidade de abrimos mão daquilo que nos é familiar, de nos agarrarmos a paliativos que nos confortam em meio a eventos disruptivos e trágicos, sob o

---

<sup>5</sup> DIDION, Joan. **O Ano do Pensamento Mágico**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

<sup>6</sup> GARCIA, Dulce. “Joan Didion, a mulher que pôs o coração num saco”. **Vogue Portugal**, 2018. Disponível em: <https://www.vogue.pt/joan-didion-a-mulher-que-pos-o-cora-o-num-saco>. Acesso em: 11 de nov. de 2020.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Joan Didion: The Center Will Not Hold. Direção: Griffin Dunne. Estados Unidos: New York Film Festival, 2017. (94 min).



mágico pensamento de que, algum dia, tudo voltará a *ser como antes*. Uma questão imposta contra o próprio movimento da vida.

### Imagem 3 - O Ano do Pensamento Mágico



*Fonte: Imagens Google*

Didion, no entanto, não foi a primeira a me mostrar o prenúncio do ano que se seguiria. Em questão de poucos meses, a chegada de um novo vírus serviria de materialização de algo que teríamos que deixar ir embora: a vida como antes se conhecia, a maneira como nos relacionamos socialmente, os espaços antes compartilhados, nossos trabalhos, educação, nossas expectativas de futuro ou horizontes de expectativa, como diria Koselleck<sup>9</sup>. E finalmente, *nossos mortos*. No mesmo mês em que o Brasil tomou consciência da

---

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

necessidade de um período de afastamento, a filósofa Nancy Fraser tornava público o seu livro que tentava nos dizer o mesmo: *O Velho Está Morrendo e Novo Não Pode Nascer*<sup>10</sup>, mais especificamente, no dia 24 de março de 2020, no Brasil. Conforme o “novo” tentava nascer, a maneira como o Governo Federal lidava com a morte do “velho” era estarrecedora. Não falo somente da morte de tudo aquilo que nos era familiar, mas, principalmente do que, ainda, nos *é familiar*: nossos entes e amigos queridos.

Se o processo patológico da senilidade se caracteriza por um declínio gradual no funcionamento de todos os sistemas do corpo ou seja, o envelhecimento, alvo do novo coronavírus, principalmente, direcionado à parcela populacional que se encontra nesse processo, o governo brasileiro apresentou, em mesma medida, o declínio patológico ao lidar com seus mortos, só que, aqui, o do declínio no *funcionamento* da empatia perante às perdas. É por isso que, na capa da edição de maio de 2020, da Piauí, o presidente Jair Bolsonaro beija a morte. Como colocado por João Moreira Salles, na edição de julho da mesma revista, “a força negativa característica de toda ação bolsonarista faria pensar numa variante tropical do niilismo, mas a hipótese ofende a filosofia e uma venerável tradição da história das ideias”<sup>11</sup>.

Portanto, o não funcionamento da empatia, aqui, não se apresenta como niilismo, mas como projeto político. Declarações como “e daí, quer que eu faça, o que?” em referência ao aumento dos mortos no país<sup>12</sup> ou decisões como a de ocultar o número total de óbitos<sup>13</sup>, Bolsonaro, expressa sua necropolítica, cujo nome não nega a intenção. O discurso de um

---

<sup>10</sup> FRASER, Nancy. **O Velho Está Morrendo e o Novo Não Pode Nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

<sup>11</sup> SALLES, João Moreira. “A morte e a morte: Jair Bolsonaro entre o gozo e o tédio”. **Piauí**, julho de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 24 de março de 2020.

<sup>12</sup> ROCHA, Camilo. “Como Bolsonaro reagiu à pandemia até às 100 mil mortes.” **Nexo**, agosto de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/08/07/Como-Bolsonaro-reagiu-à-pandemia-até-as-100-mil-mortes>. Acesso em: 24 de março de 2020.

<sup>13</sup> Governo deixa de divulgar total de mortos e casos de covid-19. **Deutsche Welle**, junho de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/governo-deixa-de-divulgar-total-de-mortos-e-casos-de-covid-19/a-53709956>. Acesso em: 24 de março de 2020.

Brasil, inserido em um contexto global de governança fragmentada e neoliberal – cenário em que figuras como o presidente se fizeram possíveis - presente na oscilação entre ir contra a “tudo que está aí” e de se fortalecer em uma espécie de *pensamento mágico* de resgate de valores de um conservadorismo revestido de progresso que se recusa a passar por reavaliação, preparado para quando, assim como o morto que precisará novamente de seus sapatos, tudo voltará a ser como era antes.

Em um pontapé inicial de pesquisa sobre as mortes pela Covid-19 no Brasil, encontrei uma série de recorrências de palavras, soltas ou conjugadas em frases, como “novo”; “velho”; “morte”; “adaptação”; “reconfiguração”. De artigos científicos de psicanalistas que precisam encontrar uma maneira de adaptar seus atendimentos ao meio digital – que, diga-se de passagem, aumentaram -, à artigos em diversos veículos de comunicação nacional, com inclinações políticas diferentes, à *podcasts*, transmissões ao vivo nas mais variadas plataformas digitais e até em grupos de apoio aos familiares dos mortos pela pandemia. Todos procuram a mesma solução que Didion investiga: a de lidar com a *ausência*, com essa fissura no mundo como se conhece. Seja esse mundo representado por valores e concepções políticas e sociais, seja ele reduzido à uma pessoa. Uma espécie de luto coletivo, em todas as suas facetas, pela fragmentação política, pela ressurgência de movimentos sociais que contestam um pensamento solidificado ou pela morte da vida privada. O diagnóstico é claro: todos nós perdemos algo e precisamos encontrar uma maneira de ressignificar nossas perdas. Afinal, o luto é feito pelos vivos.

Se, antes a narrativa já era descrita por psicólogos como parte importante do luto<sup>14</sup>, o momento atual demanda um olhar atencioso. E foi nesses termos em que a pesquisa foi pensada, colocando-me na sociedade não apenas como historiadora, mas como leitora do meu

---

<sup>14</sup> Café da Manhã: Precisamos falar sobre morte e luto. Spotify, 11 de março de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5LhBkCaWlvEBRqVbOhqbkr?si=eGVKtNabTlayDpaaJ8jifLA>. Acesso em: 24 de março de 2020.

próprio tempo que, também, se esvai. Entre *eros*, que é pulsão, e *tânatos*, que é estagnação, me dei por consciente de que o ano em que comecei o mestrado não é só o ano da morte, mas um ano que nos convida a pensar *sobre* a morte e, conseqüentemente, sobre a vida.

Joan Didion morreu em 23 de dezembro de 2021.

## 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO

**Imagem 4 - Café Müller (1978)**



*Fonte: Sotero Prosa: Olhares Contemporâneos. Café Müller (1978), Pina Bausch.<sup>15</sup>*

Pina Bausch (1940-2009), preocupada com a condição do individualismo moderno, dirigiu sua pesquisa e trabalho artístico ao sujeito contemporâneo. A coreógrafa alemã, que

---

<sup>15</sup>

Disponível

em:

<https://www.soteroprosa.com/single-post/2018/05/23/-café-müller-solidão-encontros-e-desencontros-um-experimento-cr%C3%ADtico>.  ltimo acesso em: 13 de dezembro de 2022.

liderou a companhia do Tanztheater Wuppertal (1973-2009), procurou expressar em sua obra a fusão entre a dança e o teatro, se inspirando no expressionismo alemão e na cultura erudita e pop. Pina acreditava que a dança era “um espaço em que podemos nos encontrar uns aos outros<sup>16</sup>” e, a partir disso, utilizava deste espaço de encontro para performar o desencontro, a fragmentação. A imagem acima, escolhida para abrir este capítulo, é de um de seus espetáculos mais aclamados, intitulado *Café Müller*, de 1978, que reflete um olhar sensível para o homem contemporâneo e a solidão. A peça tem duração de, aproximadamente, 45 minutos e retrata o isolamento dos indivíduos que circulam em um bar ou restaurante, reproduzido por um cenário com mesas e cadeiras, portas giratórias e ambientação de baixa iluminação, que contribui para uma estética sombria. Na imagem, vê-se Pina Bausch no centro e os outros bailarinos ao fundo. Cada um em seu espaço individual, de maneira que “não haja um conteúdo narrativo. O conteúdo são as próprias relações humanas e, especialmente, as não relações. A solidão faz-se presente nos não encontros observados durante a peça. Cada bailarino parece pairar solitário em seu universo particular.”<sup>17</sup> Além disso, a padronização e repetição dos movimentos parece ser algo central na dança-teatro de Bausch, de maneira que

Quando há alguma interação entre personagens, essa se faz através de movimentos repetidos mecanicamente, e a sensação é de que um não percebe ou não se deixa afetar pelo outro. Quando personagens se tocam ou se abraçam, as expressões faciais não transparecem satisfação ou prazer, evidenciando uma desarmonia entre a expressão dos dançarinos e suas ações.<sup>18</sup>

O intuito deste capítulo não é entrar em uma análise sobre a obra de Pina Bausch, mas trazê-la me parece um boa forma de ilustrar o que será aqui discutido, uma vez que sua

---

<sup>16</sup> “Quem foi Pina Bausch? E o encontro da dança com o teatro”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9UlbheBpViE&t=20s>. Último acesso em: 13 de dezembro de 2022.

<sup>17</sup> O indivíduo e o individualismo refletidos na obra de Pina Bausch. Disponível em: <https://www.aoredor.blog.br/post/obra-de-pina-bausch>. Último acesso em: 12 de dezembro de 2022.

<sup>18</sup> Idem.

preocupação era a fragmentação, a aceleração e a mecanização dos indivíduos, levando em consideração o momento histórico de sua dança-teatro, contemporânea às discussões acerca da governança neoliberal e o controle dos corpos.

Aqui, em “Considerações sobre o Neoliberalismo”, me proponho a discutir aspectos do neoliberalismo divididos em três etapas: na primeira, entrarei no aspecto histórico e de gestão da ideologia neoliberal, dialogando com autores como Wendy Brown e Mark Fisher; na segunda, discutirei o conceito de biopolítica e controle dos corpos utilizando, principalmente, a obra de Michel Foucault sobre o tema; e, por fim, a última etapa deste capítulo, que servirá como cenário para o próximo, pautará a discussão sobre neoliberalismo e mundo digital, onde trarei autoras como Jia Tolentino e Shoshana Zuboff.

Os corpos dos bailarinos de Pina nos falam de um corpo atual e conhecido.

#### **Imagem 4 - Repetições**



*Fonte: Hyperallergic<sup>19</sup>*

---

<sup>19</sup> *The Audacity and Abandon of Pina Bausch.* Disponível em: <https://hyperallergic.com/401917/pina-bausch-bam-cafe-muller-rite-of-spring/>. Último acesso em: 13 de dezembro de 2022.

## 1.1 Neoliberalismo

Desde a queda do Antigo Regime, percebe-se um movimento de emancipação do indivíduo em relação ao poder do soberano. Há vários aspectos importantes relacionados a esse marco histórico ocidental. Por um lado, ele marca o início do Estado Burguês representando, dentre outras coisas, a possibilidade de mobilidade e ascensão social tomando frente ao cenário de uma sociedade estamental; Por outro, representa a instituição do Estado laico responsável pela separação moderna entre a Igreja e o Estado; Há, ainda outro lado onde, economicamente, tem-se o desenvolvimento do capitalismo industrial marcando a transição da escravidão do regime feudal para a exploração capitalista, à partir do aprimoramento da técnica produção *versus* tempo proporcionado pelas indústrias, que atraem um grande contingente populacional aos centros urbanos dando origem às populações.

Se, portanto, os séculos XVIII, XIX e parte do XX foram marcados pelo capitalismo industrial e um ideal liberal de acumulação de riqueza, o século XXI tem sido marcado pelo capitalismo neoliberal. Pensar essa fase do capitalismo é o que me proponho a fazer neste capítulo que se inicia. Porém, antes de entrar na discussão sobre o neoliberalismo gostaria de, rapidamente, pontuar um aspecto importante sobre os séculos anteriores, trazido por Karl Marx, em *O Capital*: a "dupla liberdade"<sup>20</sup>.

A fase do capitalismo industrial dos séculos XVIII e XIX foi caracterizada pelo desenvolvimento da técnica industrial que permitisse ao trabalhador da fábrica, encarregado de um específico setor da montagem, que produzisse em maior escala e em menos tempo. Marx, que escreveu *O Capital* se atentando a este indivíduo, fala sobre o discurso da suposta autonomia concedida ao trabalhador moderno em relação ao antigo sistema feudal. Ao se

---

<sup>20</sup> MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

libertar da sociedade camponesa e estamental e ir em direção à nova vida nas cidades, teria sido prometido ao trabalhador da fábrica a liberdade de trilhar seu próprio caminho através do suor de seu trabalho - isso, é claro, para as camadas mais baixas da população uma vez que, para a burguesia, tal promessa já havia sido feita e perseguida há um tempo. Marx apresenta a ironia da chamada "dupla liberdade" por caracterizar um discurso que fez-se necessário para que o trabalhador fosse liberto do sistema de servidão feudal e comprometido a um sistema de exploração capitalista, como pré-requisito à proletarização.

O paradoxo da "dupla liberdade" trazida por Karl Marx é um importante elo no pensamento de Wendy Brown quando a autora se debruça sobre o neoliberalismo. Em *Cidadania Sacrificial: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade*, a autora nos lembra das palavras de Marx quando percebe que, na fase do capitalismo neoliberal há, também, uma falsa promessa de liberdade. Segundo Brown<sup>21</sup>, na racionalidade neoliberal, o trabalhador é emancipado dos benefícios do Estado de bem-estar social e de proteção legais, assim como grupos de solidariedades entre os trabalhadores - como visto nos séculos XIX e XX - de maneira que, individualizados, possam se tornar disponíveis para o sacrifício do cidadão neoliberal. Neste sentido, "enquanto a cidadania neoliberal deixa o indivíduo livre para cuidar de si mesmo, ela também o compromete, discursivamente, com o bem-estar geral - demandando sua fidelidade e potencial sacrifício em nome da saúde nacional ou do crescimento econômico."<sup>22</sup>

De acordo com Brown, a marca principal do neoliberalismo é a transformação de indivíduos não-econômicos em econômicos. Isso acontece quando os sujeitos passam a ser vistos como os responsáveis pelo mercado. No mundo neoliberal, cada escolha individual é vista como um investimento na empresa do si-mesmo: educação, saúde, consumo, parceiros e

---

<sup>21</sup>BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Zazie Edições. p. 10

<sup>22</sup>Ibidem. p. 10



estilos de vida são entendidas como opções disponíveis para o aprimoramento da pequena empresa do ser. Desenvolve-se, então, estratégias cuidadosas de investimento para que a conduta empreendedora seja aplicada em todos os lugares. No entanto, como colocado pela autora, há inúmeras implicações em interpretar os elementos de uma sociedade segundo um modelo empresarial contemporâneo. E uma delas consiste em que o processo neoliberal explora e expande o ideal liberal clássico de autonomia e liberdade, delegando o poder decisório, operacional e responsável nas mãos do próprio indivíduo.

Ao contrário do que acontecia na fase do capitalismo industrial, onde o indivíduo era atrelado a uma empresa, estava subjugado a um chefe e podia associar-se a um grupo de outros trabalhadores reais que compartilhavam dos mesmos interesses e lutas, no ideal neoliberal, esse tipo de solidariedade não é possível. De maneira que

Esse mesmo ideal é esvaziado à medida que a desregulamentação elimina os diversos bens públicos e benefícios de seguridade social, desata os poderes do capital corporativo e financeiro, e desmantela aquela clássica solidariedade, própria do século XX, entre trabalhadores, consumidores e eleitores. O efeito combinado é a geração de indivíduos extremamente isolados e desprotegidos, em risco permanente de desenraizamento e de privação dos meios vitais básicos, completamente vulneráveis às vicissitudes do capital.<sup>23</sup>

O mesmo indivíduo é metamorfoseado para um sistema de máxima individualização, passando de trabalhador a prestador de serviços. No primeiro, entende-se por aquele que está atrelado formalmente à uma empresa ou instituição; no último, entende-se por aquele que, tendo o domínio de seus próprios serviços, pode prestá-lo a terceiros. Temos, assim, a sensação de maior promessa de liberdade no último caso. No entanto, se essa é apenas uma impressão, como essa lógica sobrevive?

---

<sup>23</sup>Ibidem. p. 8

Em *Cidadania Sacrificial*, Brown pretende desvelar a inversão paradoxal da liberdade neoliberal que se caracteriza pela existência de indivíduos diligentes e não recompensados, presos à artificial sensação de liberdade. De acordo com a autora, há uma matemática onde a lógica de pensamento empresarial de sucesso é combinada à narrativa nacional-teológica de sacrifício moralizado, em que o mesmo se faz necessário à saúde e à sobrevivência do todo. "Sacrifício moralizado que resolve artificiosamente o paradoxo da conduta não recompensada, prescrita de maneira normativa pelo neoliberalismo."<sup>24</sup>

Já para Mark Fischer, em *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, os neoliberais são introduzidos como "realistas capitalistas por excelência"<sup>25</sup>. Isto é, para Fischer, o realismo capitalismo consiste na ideia de que, no século XXI, não há alternativa ao capitalismo. Essa falta de alternativa é entendida pelo autor como a matemática apresentada por Brown. Diferentemente de uma Inglaterra nos anos oitenta, conduzida por Margaret Thatcher onde, apesar de o neoliberalismo ter ali a sua coroaçã<sup>26</sup>, ainda podia-se contar com grupos políticos que propusessem outra lógica de vida. Em resumo, o embate entre possibilidades de sistemas ainda existia. Mas, como visto em Brown, a lei da governança neoliberal enfraquece a legitimidade da ação coletiva<sup>27</sup>. O que Fischer argumenta e batiza como realismo capitalista é a impossibilidade de pensarmos em outra organização dos modos de vida e produção contemporâneos, alimentada, é claro, por uma lógica neoliberal da criação do mundo econômico artificial, onde o indivíduo aceita a realidade como ela é, adotando um comportamento racional, sensível às variações do meio e capaz de responder à essas variações de forma sistemática. Neste sentido, Fischer diz que

---

<sup>24</sup>BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Zazie Edições. p. 9

<sup>25</sup> FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 10

<sup>26</sup> Idem. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 10

<sup>27</sup> BROWN, Wendy. op. cit.

O neoliberalismo pode não ter tido sucesso em se fazer mais atrativo do que outros sistemas, mas conseguiu se vender como o único modo "realista" de governo. "Realismo", nesse sentido, é uma conquista política; o neoliberalismo teve sucesso em impor um tipo de realidade modelado sobre práticas e premissas vindas do mundo dos negócios.<sup>28</sup>

A tal ideia do conformismo e da adaptação também está presente na definição de Michel Foucault de *homo-economicus*, como veremos a seguir.

## 1.2 Biopolítica e Neoliberalismo

De acordo com Michel Foucault, em *Nascimento da Biopolítica*, entende-se por biopolítica

(...) a maneira como se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas criados à prática governamental pelos fenômenos específicos de um grupo de seres vivos constituído em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...<sup>29</sup>

Pela linha de pensamento foucaultiana entende-se que a população é matéria que precisa ser racionalizada, medida, contada e subdividida. Desde os séculos XVII e XVIII instalou-se a crescente necessidade do controle dos corpos no ocidente. No primeiro volume da *História da Sexualidade*, Foucault explica melhor o processo de racionalização da população, ou o gerir da vida. De acordo com o autor, as disciplinas impostas ao corpo e a estruturação da população são dois pólos em que se desenvolveu a organização do biopoder:

Um dos polos, o primeiro a ser formado, ao que parece centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e

---

<sup>28</sup> FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 143

<sup>29</sup> Foucault, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. p. 393

docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos - tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano.<sup>30</sup>

Enquanto o segundo,

que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles regulamentadores: uma biopolítica da população*.<sup>31</sup>

Assim, fazendo contraponto ao poder divino e disciplinador que operava até o Antigo Regime - embora Foucault afirme que "por mais absoluto que fosse um soberano, por muito marcado que fosse como representante de Deus na Terra, havia ainda algo que lhe escapava, que eram os desígnios da Providência"<sup>32</sup> -, a velha potência de morte representada na figura do soberano, passa a ser, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida.<sup>33</sup> A biopolítica, portanto, nos mostra como a população pode ser governada através de várias estratégias de racionalização. Essa problemática pode ser pensada não apenas em termos de um determinado estado, mas em dimensões mundiais, de globalização, por exemplo. Nesse sentido, são muitas as interseções entre o neoliberalismo e a biopolítica.

*Nascimento da Biopolítica* reúne um conjunto de lições de Foucault no Collège de France de janeiro a abril de 1979, que debate o desenvolvimento da economia política do século XVIII - o liberalismo - e nos mostra a mesma como um quadro geral da biopolítica. Entende-se, assim, a relação paradoxal entre governo e sociedade, onde a intervenção do

---

<sup>30</sup> Idem. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. p. 150

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Foucault, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. p. 362

<sup>33</sup> Idem. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. p. 150

primeiro faz-se presente para garantir as liberdades necessárias do liberalismo econômico. O que nos é importante em Foucault é a nova razão governamental: onde governar menos significa uma máxima eficácia da economia, a pura razão neoliberal. Além disso, o filósofo nos aponta, também, a dificuldade de pensarmos o homem sem refletir que ele é, em si, o produto. O conceito utilizado para essa simbiose é o do *homo economicus*. Em outras palavras, o homem passa a ser a subjetivação de um modo de economia. Isso só foi possível, é claro, pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos.<sup>34</sup>

Foucault reconhece, então, o biopoder como elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só foi eficaz através da formação regulada do corpo social. E, no entanto, o capitalismo exigiu mais do que isso dos corpos e das populações; "foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral sem por isso torná-las mais difíceis de sujeitar."<sup>35</sup> A fim de sobreviver, portanto, o *homo economicus* é o indivíduo que introjetou a lógica do capital em si. Neste sentido, ele não só limita o poder do soberano, mas aponta no soberano uma incapacidade essencial, fundamental e central, a incapacidade de dominar a totalidade do domínio econômico.<sup>36</sup>

O tema, que foi igualmente abordado em conversa entre o professor e ator Guilherme Terreri e Vladimir Safatle, transmitida no YouTube<sup>37</sup>, serviu para discutirem as propostas do Manifesto<sup>38</sup> pelo viés da biopolítica e o do controle dos corpos. E, como disse Terreri, a medida em que há um deslocamento da figura do soberano, representativo de Deus na Terra,

---

<sup>34</sup> Ibidem. p 152

<sup>35</sup> Ibidem. p 152

<sup>36</sup> Foucault, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. p. 362

<sup>37</sup> TEMPERO DRAG. O manifesto em debate | Biopolítica e o fim do controle dos corpos. YouTube, agosto de 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=sUI6XOIb9dk&t=3s> >. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

<sup>38</sup> SAFATLE, Vladimir. Manifesto: a hora é agora. Disponível em: < <https://vladimirsafatle.com.br> >. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

nos recai lidar com "uma espécie de "deus mercado", ou seja, a lógica do mercado, que não tem seu fim na troca, mas na concorrência, na competição, no aperfeiçoamento, e na produção do máximo como mínimo."<sup>39</sup> Na lógica do "deus mercado", o homem é estimulado a tornar-se a melhor versão de si mesmo, o *self-made man*<sup>40</sup> em sua maior potência - a crítica literária e professora da Universidade de São Paulo, Sandra Vasconcelos, aponta o personagem burguês Robinson Crusóé, de Daniel Defoe (1660-1731), como o primeiro *self-made man*. O romance *Robinson Crusóé* foi publicado no Reino Unido no ano de 1719 e viria a ser considerado, mais tarde, um "romance fundador" inglês, uma vez que antecipa o romance realista moderno no ocidente. Por isso, personagens como Robinson Crusóé encontraram seu lugar de sucesso na literatura, assim como outros personagens burgueses que ganharam destaque nos palcos, como a *Srta. Júlia*, de August Strindberg, e passaram a ter seus dramas burgueses narrados. É por essa e outras que *Robinson Crusóé* pode ser considerado um mito do individualismo moderno, como colocado por Ian Watt em *Mitos do Individualismo Moderno*.

### 1.3 Mundo digital e Neoliberalismo

Algo interessante a se propor quando falamos em era digital é tomar o cuidado de não tomar os termos como os fins. É certo que o desenvolvimento da tecnologia nos últimos anos, sobretudo da Web 2.0, contribuiu para a maneira em que colocamos em prática a governança neoliberal. Contudo, pensar a técnica como fim ou como aquela que nos trouxe ao momento social e político em que nos encontramos pode ser ingênuo. Em *Meta-história para robôs (bots): o conhecimento histórico na era da inteligência artificial*, por exemplo, Thiago Nicodemo e Oldimar Cardoso não concluem que seremos dominados por robôs.<sup>41</sup> Longe

---

<sup>39</sup> TEMPERO DRAG. op. cit. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

<sup>40</sup> Ver prefácio do romance *Robinson Crusóé* da Ubu Editora, 2021.

<sup>41</sup> NICODEMO, T. L.; CARDOSO, O. P. Meta-história para robôs (bots): o conhecimento histórico na era da inteligência artificial. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*,

disso, nós é que fazemos o uso da técnica para alcançar determinados fins. O desenvolvimento da tecnologia e o uso que fazemos dela parece ser, neste sentido, o meio.

Em *Falso Espelho: reflexões sobre a autoilusão*, Jia Tolentino cita Darcy DiNucci no artigo "Futuro Fragmentado", de 1999. Sobre a Web 2.0 Di Nucci escreveu:

Sabemos agora, que o que vemos na tela de um browser de maneira essencialmente estática é apenas um embrião da web que está por vir. Os primeiros vislumbres da Web 2.0 estão começando a aparecer. A web será percebida não como uma série de telas com imagens e textos, mas como um mecanismo de transporte, o éter pelo qual a interatividade acontece.<sup>42</sup>

E DiNucci estava certa: na Web 2.0 as estruturas seriam dinâmicas. Só que não somente essas seriam dinâmicas como o tempo, a economia e as relações, também. A apropriação da tecnologia pelo sistema neoliberal mudou a gravidade de todas essas estruturas. Deu mais fluidez a todas elas. "E, o mais importante de tudo, a internet é o que é. Ela já se tornou o órgão central da vida contemporânea", nos lembra Tolentino. "Ela já modificou as conexões cerebrais de seus usuários, fazendo com que voltemos a um estado primitivo de hiperconsciência e distração enquanto nos sobrecarrega com muito mais informações sensoriais do que jamais seria possível em tempos primitivos." E, o ponto central quando se tem diferentes esferas da sociedade sendo reguladas como mercado, é que "ela (a internet) já construiu um ecossistema que explora nossa atenção e monetiza o eu."<sup>43</sup>

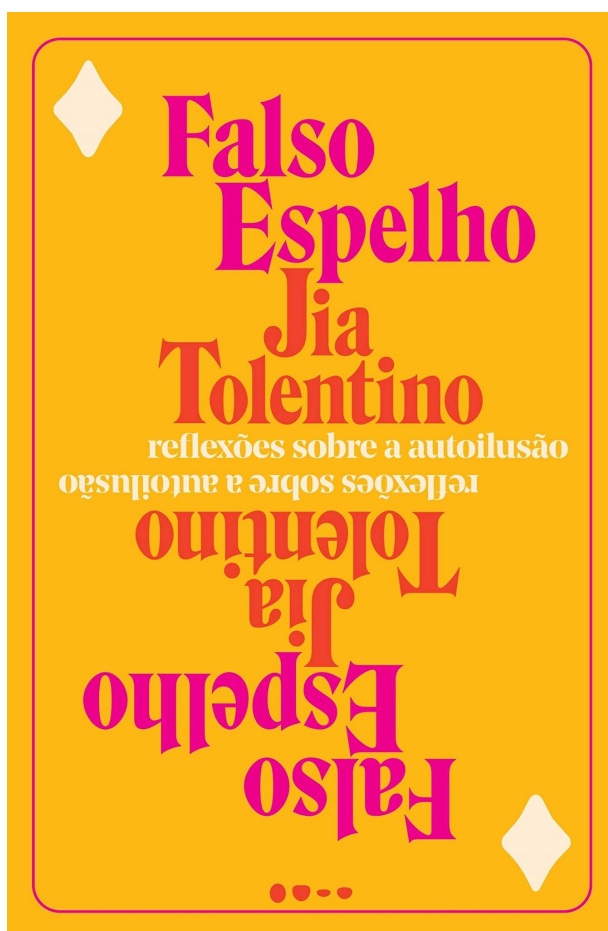
---

Ouro Preto, v. 12, n. 29, 2019. DOI: 10.15848/hh.v12i29.1443. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1443>. Acesso em: 11 nov. 2022.

<sup>42</sup> DINUCCI, Darcy. *Futuro Fragmentado*. apud TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020.

<sup>43</sup> TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020. p. 23

**Imagem 5** - Falso Espelho (2020), Jia Tolentino



*Fonte: Google Imagens*

A maneira como a tecnologia é agenciada pelo neoliberalismo obteve tanto sucesso que até mesmo quem deseja viver fora da internet ainda vive em um mundo gerenciado por ela, "um mundo no qual o indivíduo se tornou o último recurso natural do capitalismo, um mundo cujas regras são estabelecidas por plataformas centralizadas que deliberadamente se estabeleceram como incontroláveis e imunes leis."<sup>44</sup> O paradoxo que causa desconforto ao tomarmos esta análise para consciência se dá justamente pela maneira que a internet está em nossas vidas. Afinal, a tecnologia é inseparável dos prazeres de nossa existência contemporânea: amigos, família, comunidade e até mesmo, busca por emprego. Motivos de

---

<sup>44</sup> Idem. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020. p. 23



prazer e aprisionamento. Como bem colocado por Tolentino, ao passo que "mais pessoas começaram a registrar sua existência digital, um passatempo se tornou um imperativo: para existir, você precisava de um registro digital." Assim, partindo do ponto de que a biopolítica se manifesta no capitalismo neoliberal, o registro digital pode ser ampliado e entendido como mais um mecanismo de vigilância.

Pagamos nossa existência on-line com nossos dados pessoais. Alimentamos a máquina com nossos perfis de consumo e a maneira com a qual nos relacionamos. Consumimos desde roupas e objetos a afetos e ideais políticos. E, assim, doamos mais dados que são revendidos para uma série de corporações - "um regime de vigilância tecnológica involuntária que, subconscientemente, diminui nossa resistência à prática *voluntária* de autovigilância nas redes sociais."<sup>45</sup> O que antes surgiu com a promessa de ser o habitat natural da autoexpressão, agora parece se apresentar como o habitat artificial em que sua autoexpressão é limitada e depende de um *like*. Neste sentido, à medida que nossos dados foram se tornando de domínio público, ser visto e curtido se transformaram em incentivos econômicos.

A maneira com a qual a tecnologia é efetivada pela governança neoliberal é chamada por Shoshana Zuboff de capitalismo de vigilância, onde entende-se que ele "reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais." E que:

Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit comportamental do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como "inteligência de máquina" e manufaturado em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. Por fim, esses produtos de predições são comercializados num

---

<sup>45</sup> Idem. p. 26

novo tipo de mercado para previsões comportamentais que chamo de mercados de comportamentos futuros. Os capitalistas de vigilância têm acumulado riqueza enorme a partir dessas operações comerciais, uma vez que muitas companhias estão ávidas para apostar no nosso comportamento futuro.<sup>46</sup>

A preocupação do capitalismo de vigilância com os "mercados de comportamentos futuros" sinalizam o que nós, historiadores, viemos discutindo: o futuro sempre está em pauta. Ou, melhor dizendo, os possíveis futuros. Claro que, aqui, o que está em pauta é mais o futuro do mercado e do capital do que de algum possível futuro *humano*.

Mesmo hoje, diante de tantas narrativas distópicas potencializadas por incríveis avanços tecnológicos e uma pandemia, Zuboff nos aponta algo importante e intrínseco ao tipo de futuro que o neoliberalismo (não) promete. O porvir, ela conclui, "não está extinto, e sim foi usurpado: recrutado e acumulado pelas reivindicações exclusivas do capital de vigilância." Isso porque, segundo a autora, diante do futuro que é sempre incerto, nós precisávamos - e ainda precisamos - de contratos sociais. Eles servem para que possamos planejar futuros compartilhados enquanto sociedade, para que haja "uma ação coletiva rumo a um futuro compartilhado, ligada pela determinação para tornar a nossa visão real do mundo." Os contratos surgiram, segundo Zuboff, como "ilhas de previsibilidade compartilhadas com a intenção de atenuar a sensação de incerteza para a comunidade humana", e representam estruturas de solidariedade entre os indivíduos.

Afinal, "o caráter social do contrato pode gerar conflito, frustração, coerção ou raiva, mas pode também produzir confiança, participação, harmonia e adaptação como meios pelos quais os seres humanos lidam com um futuro desconhecido."<sup>47</sup> No entanto, o que parece funcionar bem no capitalismo de vigilância é uma espécie de "incontrato" onde opera um

---

<sup>46</sup> ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021. p. 22

<sup>47</sup> ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021. p. 497

mercado definido pelos imperativos econômicos, "expressos por uma arquitetura computacional ubíqua, das capacidades de inteligência de máquina para qual os dados são continuamente fornecidos, da analítica que reconhece padrões e dos algoritmos que os convertem em regras."<sup>48</sup> Não longe de perceber isso, portanto, é este o cerne da preocupação de Jia Tolentino ao escrever "O eu na internet":

Em parte por um desejo de preservar o que vale a pena em meio à deterioração que nos cerca, tenho pensado em cinco problemas que se cruzam: em primeiro lugar, em como a internet é construída para distorcer nosso senso de identidade; segundo, como ela nos encoraja a supervalorizar nossas opiniões; terceiro, como ela maximiza nosso senso de oposição; quarto, como ela degrada nossa compreensão de solidariedade; e, finalmente, como ela destrói a noção de escala.<sup>49</sup>

A degradação da nossa compreensão de solidariedade como colocado pela americana pode ser lida como a mesma dissolução do fator humano do "incontrato" que fala Shoshana Zuboff. Num mundo onde contratos sociais ainda são importantes, também são o compromisso com o diálogo, a resolução de problemas e a empatia. Tais compromissos pressupõem confiança uns nos outros perante às incertezas que o futuro naturalmente traz. Eles geram senso de comunidade. O mesmo foi discutido por Wendy Brown no primeiro ponto deste capítulo. No entanto, "na distopia do incontrato", retoma Zuboff, "o impulso do capitalismo de vigilância rumo à certeza preenche o espaço que um dia foi ocupado por todo o trabalho humano de construir e restabelecer a confiança social, que agora é reinterpretada como atrito desnecessário na marcha em direção a resultados garantidos."<sup>50</sup> E, apesar de não

---

<sup>48</sup> Idem. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021. p. 498

<sup>49</sup> TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020. p. 24

<sup>50</sup> ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021. p. 500

ser o ponto central deste trabalho, vale pensar na corrupção da confiança social diante dos constantes ataques à democracia.<sup>51</sup>

Shoshana ainda afirma que a "incerteza não é o caos, e sim o habitat necessário do tempo presente." Assim, o capitalismo neoliberal parece nos propor um paradoxo. Às máquinas, gráficos e medidas de performance e resultado, depositamos nossa confiança. Ao passo que, para isso, abrimos mão da relação de confiança social, nos individualizando em nossas esferas solitárias, como se o problema de uma incerteza perante o futuro fosse um fator humano *demais*. E, ainda assim, há espaço para desconfiar das mesmas máquinas em que depositamos nossa confiança por não confiarmos nos homens que as operam. Deste modo, cria-se mais fissuras no tecido social. No capitalismo de vigilância,

Escolhemos a falibilidade das promessas compartilhadas e a resolução de problemas em vez da tirania certa imposta por um poder ou plano dominante porque esse é o preço que pagamos pelo livre-arbítrio, que fundamenta nosso direito ao tempo futuro. Na ausência dessa liberdade, o futuro desmorona num presente infinito de mero comportamento, no qual não pode haver sujeitos nem projetos: apenas *objetos*.<sup>52</sup>

Em *Presentismo, neoliberalismo e os fins da história*, Rodrigo Turin se propõe a debater as mudanças trazidas pelo neoliberalismo no âmbito das universidades brasileiras e do lugar do pesquisador e professor de história. Para isso, o historiador utiliza-se dos conceitos já por ele antes trabalhados como o "regimes de historicidade" e "presentismo", categorias elaboradas por François Hartog<sup>53</sup>, em 1980, que nos permitem pensar ambas as propostas de Zuboff e Turin acerca do "presente infinito" do capitalismo de vigilância. "A velocidade do capital financeiro", coloca Turin, as demandas memoriais, os passados traumáticos, as

---

<sup>51</sup> Ver BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**.

<sup>52</sup> ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021. p. 501

<sup>53</sup> HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

políticas de patrimonialização, a precarização e a flexibilização do trabalho, o impacto das novas tecnologias, todos esses focos permitem a Hartog identificar esse novo domínio de um presente devorador, onipresente."<sup>54</sup>

Além disso, o modo de temporalização ditado pela economia funciona como um modo de antecipação, ou os "mercados de comportamentos futuros", que mostram um futuro já engajado no presente. De acordo com o historiador,

O processo violento que assistimos de ressincronização desses diferentes tempos sob o novo tempo hegemônico, hiperacelerado e privatizado do neoliberalismo, representa não apenas o esvaziamento de outras possibilidades de experiência, como também o apagamento inédito de uma imaginação de futuro, condenando-nos a uma sucessão acelerada e desconectada de "agoras".<sup>55</sup>

Shoshana Zuboff ainda fala sobre a sensação de vazio da perpétua conformidade. Perante a "distopia do in contrato", não somente abrimos mão de uma confiança social e vivemos a perda à valores democráticos, como a constante precarização neoliberal persiste em nos manter numa espécie de conformismo. "O que legitima a ruptura e o que inspira a agenda do novo liberalismo", afirma Barbara Stiegler, é baseado no diagnóstico de um "*lag cultural*" na espécie humana - que clama por um "reajuste" entre os estados de habitat e o fluxo do novo, aumentando assim uma "adaptabilidade" ou "flexibilidade" que se estabeleceu como o novo conteúdo da ação educativa."<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. in: AVILA, A. (Org.) ; NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.) . **A História (in)Disciplinada Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019. p. 247.

<sup>55</sup> Idem. **A História (in)Disciplinada Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019. p. 268.

<sup>56</sup> STIEGLER, Barbara. **Adapt!**: On a New Political Imperative. Fordham University Press; 1ª edição, 2022. p. 130.

O neoliberalismo corrói espaços de previdência social, de saúde pública gratuita e universal, educação pública, políticas de habitação e empregabilidade. Corrói, também, políticas públicas que dariam sustentação a algo que poderia ser um campo social de solidariedade. Ou seja, um campo social capaz de combater a desigualdade, de inserir as pessoas no mundo. A partir disso, cria-se um campo onde, se a pessoa não consegue se adaptar, está fora. Tal lógica se aplica ao âmbito da tecnologia.

Com o desenvolvimento da Web 2.0, o mundo do trabalho sofreu uma enorme mudança. Novas ofertas e possibilidades de atuação foram possíveis, mas com isso veio a grande precarização. Afinal, a internet permitiu a liberdade da coisa pública, significando, em outra instância, o desmantelamento de uma institucionalidade que pudesse controlar as comunicações. O que nos vale perceber, aqui, é que no neoliberalismo o Estado vem desregulamentado uma série de leis trabalhistas, contribuindo para que uma parte da população incapaz de "se adaptar" tenha que recorrer à precarização de novas áreas de atuação. Muitas delas, portanto, surgiram a partir da maneira com que as novas tecnologias são agenciadas. Principalmente depois da pandemia da covid-19, mais pessoas foram compelidas ao trabalho remoto. Esse trabalho permite, em certa medida, a liberdade de horário e flexibilização, mas aprisiona a pessoa na autodisciplina solitária de gerir sua própria empresa.

Por fim, e retomando a obra de Pina Bausch, que escolhi para abrir este capítulo, gostaria de fazer algumas considerações. *Café Müller* - e, em geral, a tônica dos demais trabalhos de Pina -, nos convida a refletir através da performance, questões disruptivas e contemporâneas. O espetáculo não apresenta linearidade e não nos leva a um fim, um propósito. O que nos é mostrado são cenas de fragmentação e solidão dos indivíduos que circulam pelo cenário, tendo suas interações pautadas pela apatia e repetição. Há, também, a presença de um tempo da aceleração, próprio da experiência moderna. Assim como em *Café*

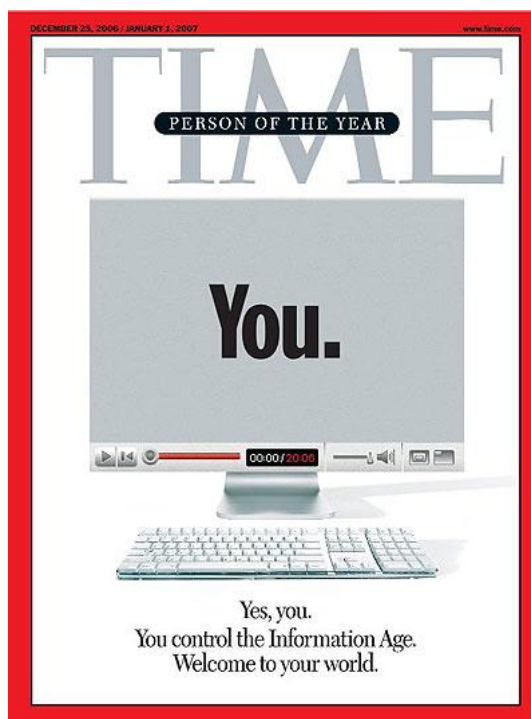
*Müller*, o tempo do neoliberalismo não nos aponta progresso algum; quem dirá um fim ou propósito. Estamos imersos em nossas individualizações e na aceleração de nossa própria performance. Ao mesmo tempo que contamos com uma ideia de inovação que corta qualquer referência com o passado. Afinal, a linearidade não é interessante para a ideologia neoliberal. Pina parecia saber disso. Na modernidade tardia, uma nova linguagem passou a ser produzida: aquela que carrega em si palavras como flexibilidade, capacitação, adaptação e inovação. Todas fazem parte de um vetor que não nos aponta lugar algum.

## 2. PERFORMANCE DIGITAL: A ASCENSÃO DO YOUTUBE

Para este capítulo, escolhi trazer um pouco sobre a história do YouTube, sua compra pela Google e o crescimento do fenômeno *youtuber*. Entendendo este último não apenas como fruto do desenvolvimento da técnica de streaming e da possibilidade de alcançar novos lugares na Internet, mas sobre a manutenção de sua existência a partir do desenvolvimento de estratégias para a tal, sob o discurso de performance, alcance e liberdade. Um discurso que, aparentemente, reflete uma autonomia do *youtuber* perante ao sistema tradicional, mas que pode esconder um conto neoliberal que nos fala mais sobre a precarização das instituições do que uma promessa de liberdade.

### 2.1 Uma breve introdução a "você".

**Imagem 6** - Person of the year: YOU



Fonte: TIME<sup>57</sup>

<sup>57</sup> "It's been ten years since you were named TIME's person of the year" - Disponível em: <https://time.com/4586842/person-of-the-year-2006-2016/>



Na edição de janeiro de 2007, a capa da TIME declarava: "Pessoa do Ano: Você. Sim, você. Você controla a Era da Informação. Bem-vindo ao seu mundo."<sup>58</sup> A revista, que vinha anunciando a pessoa mais influente do ano desde a estreia de Charles Lindbergh, em 1927, escolheu para aquele ano "você", usuário da internet, indivíduos que estavam exercendo o poder de maneiras novas e dramáticas. A partir das discussões acerca do neoliberalismo apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho, a escolha da TIME parece ilustrar bem as complexas mudanças históricas que se aproximavam.

O YouTube, de fato, se apresentou como uma ferramenta que proporciona autonomia e liberdade ao usuário. Através dele foi possível tornar público os vídeos caseiros e escolher o que se *quer ver*, quebrando com a hegemonia da mídia tradicional. No entanto, desde de sua venda para a Google - que veremos no ponto a seguir -, a proposta da plataforma foi se afastando cada vez mais daquilo que parecia ser no início. Assim, seguindo uma proposta mais capitalista, o mundo apresentado pela TIME onde “você” controlaria a Era da Informação passa a ser um mundo onde “você” é a informação. O argumento de Paula Sibilia, em *Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo*, é de que, na esfera digital,

É preciso exibir tudo o que se é; ou, mais exatamente, fazer uma sorte de curadoria permanente daquilo que se está ou se deseja parecer, clamando sempre pela imprescindível aprovação alheia, pois essa será a instância capaz de conceder valor - e até mesmo estatuto de verdade - ao que se expõe.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> "Person of the Year: You. Yes, you. You control the Information Age. Welcome to your world." Disponível em: <https://time.com/4586842/person-of-the-year-2006-2016/>. Último acesso em: 8 de novembro de 2022.

<sup>59</sup> *Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo*. p 222.

De acordo com a antropóloga, as categorias de público e privado se misturam a novas práticas vitais, de maneira que o importante é que “se somos algo ou alguém, tudo isso tem que estar à vista; porque se não se mostra e os demais não o enxergam, então nada nem ninguém poderá nos garantir que existe ou que tem algum valor.<sup>60</sup>” É claro que tais práticas vitais servem para configurar uma organização social adaptável ao capitalismo neoliberal. A consagração de um “eu” sem rosto e anônimo na capa da revista TIME me diz de um mundo onde eu, supostamente, tenho controle da informação, um mundo onde tenho *valor*. No entanto, não me dizem que eu pago por esse valor com meus dados onde sou controlada pela Era da Informação. As demandas da contemporaneidade nos dizem que é preciso performar e que sozinhos, não existimos.

## 2.2 O YouTube pós Google

O YouTube se solidificou como uma das plataformas de compartilhamento de vídeos de maior popularidade. Antes dele, os vídeos eram compartilhados por e-mails ou hospedados em sites diversos e, para baixar um, o tempo de espera era longo e a qualidade, duvidosa. Sabendo disso, três ex-funcionários da PayPal, Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim, pensaram em alternativas para criar um site que facilitasse o acesso a vídeos na Internet.

Portanto, em fevereiro de 2005, o YouTube foi fundado como uma plataforma que permitisse aos usuários compartilhar seus próprios vídeos e a qualquer pessoa do mundo assisti-los. O primeiro vídeo do site foi postado em 23 de abril por um dos fundadores, Jawed Karim. Nele, o rapaz está no zoológico de San Diego, Califórnia, em frente aos elefantes. O vídeo tem 19 segundos e título "Me at the zoo". E, logo depois, a Nike se tornou a primeira

---

<sup>60</sup> Idem.

marca a subir um vídeo no YouTube. Nele vê-se Ronaldinho Gaúcho calçando novas chuteiras e acertando chutes no gol<sup>61</sup>.

### Imagem 7 - Me At The Zoo



*Fonte: YouTube*

<sup>61</sup> "Joga TV Episode 6: BRAZILIAN PING PONG". Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cTY4Yo2SR2o & t=16s](https://www.youtube.com/watch?v=cTY4Yo2SR2o&t=16s). Último acesso em 11 de novembro de 2022.

### Imagem 8 - Ronaldinho Gaúcho



#### JogaTV Episode 6: BRAZILIAN PING PONG



**Nike Soccer**  
320 mil inscritos

Inscriver-se

13 mil



Compartilhar



2,2 mi de visualizações há 16 anos

Eric Cantona brings another JogaTV broadcast from the heart of Germany.

Play Beautiful. Joga Bonito. Mostrar mais

*Fonte: YouTube*

De acordo com Márquez e Ardèvol, em *Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber*, é preciso distinguir o YouTube entre antes e depois da Google.<sup>62</sup> Em 10 de outubro de 2006, os criadores Steve Chen e Chad Hurley anunciaram a compra da plataforma pela empresa por US\$ 1,65 bilhões. No vídeo postado no YouTube, *A Message From Chad and Steve*, de aspecto caseiro, despretensioso e em clima de descontração, os fundadores anunciam: "Olá, Youtube. Aqui são Chad e Steve. Somos os co-fundadores deste

<sup>62</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDÈVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018. p. 41

site e só queremos agradecer. Hoje temos algumas novidades interessantes para vocês. Fomos adquiridos pelo Google."<sup>63</sup> O acordo original era de que a equipe deveria ser mantida e o site funcionaria de forma independente. Como defendeu o editor chefe da TIME, Richard Stengel, naquela mesma edição:

Das imagens geradas pelos usuários do conflito de Bagdá e do bombardeio do metrô de Londres ao momento macaca que pode ter alterado as eleições de meio de mandato às centenas de milhares de manifestações individuais de esperança, poesia e auto-absorção, esse novo sistema nervoso global está mudando a maneira como percebemos o mundo. E as consequências de tudo isso são difíceis de saber e impossíveis de superestimar.

Há muitas pessoas na minha linha de trabalho que acreditam que esse fenômeno é perigoso porque mina a autoridade tradicional de instituições de mídia como a TIME. Alguns chamam de “hora amadora”. E muitas vezes é. Mas a América foi fundada por amadores. Os autores eram advogados profissionais, militares e banqueiros, mas eram políticos amadores, e era assim que achavam que deveriam ser. Thomas Paine foi de fato o primeiro blogueiro, e Ben Franklin estava essencialmente carregando sua persona no MySpace do século XVIII, o Almanaque do Pobre Richard. A nova era da mídia da Web 2.0 é ameaçadora apenas se você acredita que um excesso de democracia é o caminho para a anarquia. Eu não.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> "Hi, Youtube. This is Chad and Steve. We're the cofounders of this site and we just want to say thank you. Today we have some exciting news for you. We've been acquired by Google." Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QCVxQ\\_3Ejkg&t=4s](https://www.youtube.com/watch?v=QCVxQ_3Ejkg&t=4s). Último acesso em: 8 de novembro de 2022.

<sup>64</sup> STENGEL, Richard. "From user-generated images of Baghdad strife and the London Underground bombing to the macaca moment that might have altered the midterm elections to the hundreds of thousands of individual outpourings of hope and poetry and self-absorption, this new global nervous system is changing the way we perceive the world. And the consequences of it all are both hard to know and impossible to overestimate. There are lots of people in my line of work who believe that this phenomenon is dangerous because it undermines the traditional authority of media institutions like TIME. Some have called it an “amateur hour.” And it often is. But America was founded by amateurs. The framers were professional lawyers and military men and bankers, but they were amateur politicians, and that’s the way they thought it should be. Thomas Paine was in effect the first blogger, and Ben Franklin was essentially loading his persona into the MySpace of the 18th century, Poor Richard’s Almanack. The new media age of Web 2.0 is threatening only if you believe that an excess of democracy is the road to anarchy. I don’t.” Disponível em: <https://time.com/4586842/person-of-the-year-2006-2016/>. Último acesso em: 9 de novembro de 2022.

Assim, já em 2007, a particularidade vista no início do YouTube começa a mudar. Como sugere Toby Miller<sup>65</sup>, desde a sua compra pela Google, o YouTube vem se tornando uma espécie de "corporatube" e, segundo o autor, "longe de representar o triunfo de um novo meio sobre um antigo, longe de ser uma tecnologia aberta e democrática, o YouTube é mais um produto do capitalismo corporativo, um "valioso aliado de Hollywood" e de outros gigantes da mídia."<sup>66</sup> Isso porque a plataforma, que antes se caracterizava por um ambiente de publicação de vídeos livre de anúncios, agora se "destaca pela proliferação de vídeos profissionais, muitos deles de grandes empresas, empresas de mídia, em um ambiente que favorece a inserção de anúncios, que geram receitas compartilhadas com essas empresas."<sup>67</sup>

Neste sentido, ao contrário do previsto por Stengel, onde a nova era da Web 2.0 significaria um "excesso de democracia", Fuchs aponta que as mídias sociais não constituem uma esfera pública ou um espaço democrático participativo. Os espaços da Web 2.0 seriam, na verdade, "colonizados por grandes corporações, especialmente por empresas de multimídia que dominam, controlam e gerenciam a atenção e a visibilidade."<sup>68</sup>

---

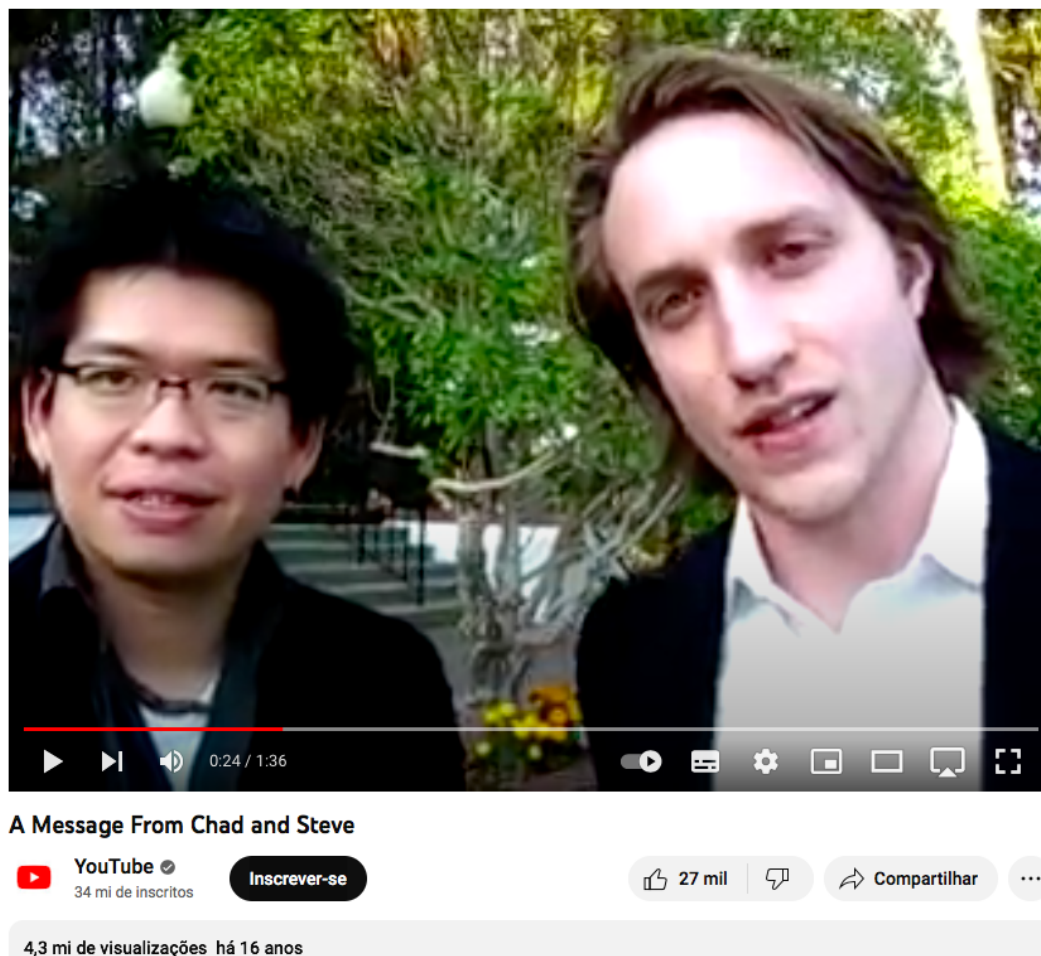
<sup>65</sup> MILLER, Toby, 2009, "Cybertarians of the World Unite: you Have nothing to Lose but your tubes!", en Pelle Snickars y Patrick von derau (eds.), *The YouTube Reader*, national Library of Sweden, estocolmo, pp. 424-440. *apud* MÁRQUEZ, I.; ARDÉVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018.

<sup>66</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDÉVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018.

<sup>67</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDÉVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018. p. 41

<sup>68</sup> Idem. p. 41

**Imagem 8** - Chad e Steve anunciam compra do YouTube pela Google



*Fonte: YouTube<sup>69</sup>*

Diante disso, o YouTube começa a traçar projetos que permitem a capitalização dos vídeos postados pelos usuários como Content ID<sup>70</sup> e o Programa de Parcerias do YouTube<sup>71</sup>. O primeiro, permitiria que os detentores dos direitos autorais identificassem possíveis plágios; Já através do segundo, os criadores de conteúdo têm acesso a mais recursos e funcionalidades de monetização da plataforma. Ele também permite a participação na receita

<sup>69</sup> A message from Chad and Steve. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OCVxQ\\_3Ejkg](https://www.youtube.com/watch?v=OCVxQ_3Ejkg)

<sup>70</sup> "Como funciona o Content ID". Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/2797370?hl=pt-BR>. Último acesso em: 8 de novembro de 2022.

<sup>71</sup> "Programa de Parcerias do YouTube: visão geral e qualificação". Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/72851?hl=pt-BR>. Último acesso em: 8 de novembro de 2022.

dos anúncios que estiverem sendo veiculados no seu conteúdo", como apresentado no suporte da Google. Ambas as propostas permitiram que o fenômeno youtuber ganhasse um nome. Desde seu início, o YouTube incentivava que as pessoas postassem seus vídeos de maneira trivial. Mas o que difere este momento do anterior é que através da monetização da plataforma, mais pessoas encontraram no YouTube uma forma de fazer dinheiro. Tendo em vista este movimento, Márquez e Ardèvol afirmam que

o fenômeno dos youtubers realmente ganhou força depois que o YouTube decidiu expandir seu programa para Parceiros em 2012, que permitiu a todos os criadores de vídeo a possibilidade de monetizar conteúdo no YouTube gratuitamente, por meio de uma ampla variedade de mídias, mas principalmente, com a inserção de anúncios nos próprios vídeos —através do AdSense, plataforma de publicidade do Google— e a associação com as chamadas redes ou “redes multicanal”.<sup>72</sup>

Além disso, estratégias de vigilância também foram desenvolvidas para as pequenas empresas de si que ali se formam. Na página YouTube Creators<sup>73</sup>, espaço criado para os criadores de conteúdo para a plataforma, há uma série de instruções para fazer o negócio funcionar. Seções como "Como alcançar seu público", "Use dados para tomar decisões", e "Mantenha seu conteúdo atualizado", ensinam táticas que possibilitem o youtuber a ter sucesso. Depois, o YouTube Analytics surge como mais uma aliada ferramenta no desenvolvimento do canal. Ela facilita que o criador de conteúdo conheça seu público através da apropriação de dados de audiência que usam, diariamente, os mecanismos de pesquisa associados ao Google - YouTube, Gmail, Google Drive e Google Maps etc. Como colocado por Márquez e Ardèvol,

---

<sup>72</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDÈVOL, E. *Op Cit.*

<sup>73</sup> "Tudo que você precisa saber para criar conteúdo no YouTube". Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/creators/>. Último acesso em: 8 de novembro de 2022.



este software de medição de audiência habilitado pelo Google permite que o youtuber monitore o desempenho de seu canal e seus vídeos, fornece estatísticas e relatórios atualizados, como o número de visualizações de cada vídeo, o número de vezes que foi compartilhado, dados demográficos de visitas e idades, tipo de dispositivo a partir do qual os usuários acessam, análise de comentários obtidos etc.—com os quais você mede e analisa o sucesso de seu canal e mantém ou redesenha sua estratégia.<sup>74</sup>

### Imagem 9 - YouTube Creators

## Tudo que você precisa para criar conteúdo no YouTube

Não importa o tipo de informação, orientação ou ajuda que você está procurando, aqui você encontra tudo o que precisa.



Fonte: YouTube

<sup>74</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDÈVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018. p. 42

## Imagem 10 - Como funciona o YouTube Creators

### Como tudo funciona



#### Primeiros passos no YouTube

Tudo o que você precisa para criar e gerenciar um canal.



#### Como desenvolver sua comunidade

Dicas e sugestões sobre como encontrar, estimular e desenvolver um público.



#### Como ganhar dinheiro no YouTube

Saiba todas as formas de ganhar dinheiro no YouTube.



#### Como fazer seu canal crescer

Ferramentas para ajudar você a criar, conectar e crescer.



#### Políticas e diretrizes

Entenda tudo que está por trás das normas.



#### Como se envolver

Como apoiamos, reconhecemos e celebramos criadores de conteúdo.

*Fonte: YouTube*

Tais ferramentas de estratégias e controle foram aceitas e exercidas com louvor. Além pela nova e constante ansiedade pela fama<sup>75</sup>, o interessante aqui é, também, perceber a mobilização da linguagem de uma lógica empresarial. "Alcance", "dados", "atualizado", "estratégia", são normalmente utilizadas no léxico neoliberal que permeia a subjetividade contemporânea. Como afirmado por Valdei Araújo e Mateus Pereira, em *Atualismo 2.0*, quando afirmam que "em uma sociedade em que o valor pessoal passa pela capacidade de inovar ou, ao menos, manter-se atualizado com o fluxo contínuo de inovações, as funções tradicionalmente associadas ao envelhecer parecem perder sentido."<sup>76</sup> Assim, estratégias que

<sup>75</sup>ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. **Atualismo 1.0** - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.

<sup>76</sup> Idem. **Atualismo 1.0** - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018. 193-194

impulsionam o criador de conteúdo a estar constantemente atualizando seu canal - e sentindo certa culpa quando não o faz<sup>77</sup> - apresenta total coerência.

### **Imagem 11 - Atividade e monetização**

#### **Mantenha seu canal ativo para continuar gerando receita**

À medida que o Programa de Parcerias do YouTube cresce, é importante manter um ecossistema de canais ativo e saudável. Para focarmos nosso suporte em criadores de conteúdo ativos que interagem frequentemente com o público, podemos desativar a monetização de canais que não fizeram envios de vídeos ou postagens na guia "Comunidade" nos últimos seis meses ou mais.

*Fonte: YouTube*

Segundo os historiadores, "a atomização e a personalização que as novas tecnologias sociais nos prometem dependem de nossa capacidade de contínua inscrição, como se ao nosso eu real devesse corresponder um eu virtual em contínuo broadcasting"<sup>78</sup> E, ainda sobre o vocabulário atualista e neoliberal, interessante pensarmos como tem sido cada vez mais incorporado nas esferas públicas e privadas, como nos apresenta Rodrigo Turin quando fala das recentes políticas para a Pós-Graduação das universidades brasileiras.<sup>79</sup> No âmbito do YouTube, que se apresentou primeiramente como possibilidade de liberdade e emancipação, passou a ter estratégias meticulosamente estudadas pela Google e introduzidas na mentalidade corporativa de concorrências, medidores e resultados.

---

<sup>77</sup> "De depressão aguda a crianças que ajuda a pagar as contas: a vida real dos influencers". Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/de-depressao-aguda-a-crianca-que-ajuda-a-pagar-as-contas-a-vida-real-dos-influencers.shtml>. Último acesso em 15 de novembro de 2022.

<sup>78</sup> ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. **Atualismo 1.0** - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018. p. 193-194

<sup>79</sup> "As universidades brasileiras não deixam de compartilhar certas características gerais que vêm afetando as instituições de ensino na modernidade tardia. A transformação do ensino em um produto de "excelência" a ser vendido, a financeirização das instituições educacionais, as novas demandas de um mercado de trabalho em constante transformação, as novas modalidades de mensuração do trabalho intelectual e pedagógico, a precarização dos contratos são algumas dessas características comuns a um novo horizonte global das universidades." TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. p. 12-13.

## 2.3 O fenômeno youtuber

Em *Falso Espelho: reflexões sobre a autoilusão*, Jia Tolentino escreveu:

Com o surgimento dos blogs, vidas pessoais estavam se tornando domínio público, e os incentivos pessoais - ser visto, ser curtido - se transformavam em incentivos econômicos. O mecanismo de exposição na internet começou a parecer uma base viável para uma carreira.<sup>80</sup>

O título do livro faz alusão a tela preta de uma tela de computador ou smartphone e, através de ensaios, Tolentino nos atenta para a potencialização do eu-empresa neoliberal diante das novas mídias. Para ilustrar este terceiro ponto, gostaria de trazer o estudo de caso de uma conferência de 2016 do *TEDx Youth@Bath* e que foi analisada na qualificação deste trabalho, retomando e incorporando ideias que lá foram discutidas.

Então, imagine isso: no ano de 2007 no interior da Inglaterra um jovem de dezesseis anos está em seu quarto depois de uma semana de testes escolares. Entediado, navega pela Internet a procura de algo que o possa entreter. A tarde parece longa naquela cidade do interior e, diferentemente do que mais tarde viria acontecer, nem todos os seus amigos estão conectados a todo tempo no recém desenvolvido Facebook. Naquele momento, os smartphones serviriam apenas para as mensagens de texto. Nenhuma ligação por vídeo, nem mensagens instantâneas; as curtidas, comentários e seguidores não eram importantes. O tempo da esfera por notificações era diferente.

O jovem abre o Facebook, depois o MySpace, aproveita para ler um blog ou outro sobre seu assunto preferido. Entre uma pesquisa e outra, o jovem conhece a plataforma YouTube e foi lá que sua tediosa tarde parece encontrar uma distração. Ali, ele assiste um vídeo de um outro jovem, sentado em sua cama, conversando com a câmera sobre o quão

---

<sup>80</sup> TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020. p. 17

entediado ele também estava. Foi assim que o britânico percebeu que, da mesma maneira, ele poderia estar ali, em uma espécie de TV da Internet. Assim, ligou a webcam e começou, despreziosamente, sua autodocumentação.

O primeiro vídeo é uma resposta ao vídeo assistido do outro jovem e não consegue muitas visualizações. O próximo, passa a ser algo mais elaborado como um desabafo sobre as agonias da adolescência. O jovem descobre ali outros, ao redor do mundo, que têm mais em comum com ele do que esperava. Assim, eles desenvolvem a linguagem do YouTube, criam identidades e grupos aos quais pertencem. As novas formas de sociabilidade permitidas pela Internet parecem, naquele mundo, algo sem precedentes. Suas tardes agora eram aceleradas e não estavam restritas apenas a ele: qualquer um poderia ter acesso a sua vida e dela compartilhar.

A peça acima poderia dizer sobre qualquer adolescente classe média com acesso à Internet no início dos anos 2000. No entanto essa história é sobre o britânico nascido em Bath, Charlie McDonnell que, em 2007, criou seu canal no YouTube, o *charlieissocoollike*<sup>81</sup>, e em janeiro de 2008, já tinha vinte e cinco mil espectadores fixos; em abril de 2019, 2.2 milhões. Os números podem parecer pequenos comparados, por exemplo, à velocidade com que os participantes do Big Brother ganham seguidores hoje em dia<sup>82</sup>, mas para o início da autodocumentação no YouTube (o que hoje é pode ser o equivalente a "fazer um story" no Instagram), McDonnell foi considerado pioneiro no alcance. Assim, conta como certos eventos de sua vida como youtuber o levou a constatar certa dificuldade que sua geração encontra em ter um sonho de futuro. Daí a premissa que explica o título da conferência intitulada "How to Unfollow your Dreams" (Como Deixar de Seguir seus Sonhos) e, indo

---

<sup>81</sup> *charlieissocoollike*, disponível em: <https://www.youtube.com/user/charlieissocoollike>. Último acesso em: 9 de novembro de 2022.

<sup>82</sup> "BBB 22: participantes da edição conquistaram mais de 63 milhões de seguidores nas redes sociais". Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/bbb-22-participantes-da-edicao-conquistaram-mais-de-628-milhoes-seguidores-nas-redes-sociais.ghtml>. Último acesso em: 9 de novembro de 2022.

contra os tipos de narrativas que se apresentam no TED Talks, o título causa, no mínimo, estranheza.

### Imagem 12 - Charlie McDonnell



*Fonte: Google Imagens*

De acordo com seu olhar sobre a coisa, a narrativa da escolha de um futuro é pautada na escolha da área de atuação profissional e, escolher tal área implica em ter conhecimento das opções, no momento, *disponíveis*. McDonnell, por exemplo, diz não ter escolhido seu futuro. Isso porque o youtuber faz parte de uma geração que experienciou, de maneira mais íntima e direta, as mudanças trazidas pela entrada do elemento digital na cena e, para início de reflexão, o adjetivo *youtuber*, enquanto profissão, já é algo sem precedentes. O que nos faz compreender que, visto que a Internet permitiu a liberdade da coisa pública, novas experiências profissionais como a de McDonnell se fizeram possíveis.

O que acontece é que não somente novos caminhos profissionais se fizeram possíveis, mas o que o youtuber diz é que surge um embate em relação a narrativa de sucesso do mundo moderno, ou seja, entre a expectativa de futuro e a incapacidade de se planejar um:

Minha geração foi ensinada a seguir a narrativa de sucesso. “Tenha um sonho, siga esse sonho, alcance esse sonho, alcance a felicidade e a realização.” E eu gosto que essa é a narrativa que recebemos. Eu acho que é melhor do que o que veio antes. Acho que o equivalente a seguir seus sonhos era “consiga um emprego de verdade!”. Então, essa é definitivamente um pouco melhor, mas acredito que tenha algumas falhas. (...) Nunca sonhei que estaria nesta posição, porque esta posição não existia quando eu estava sonhando com o que eu queria ser. E essa é, eu acho, outra falha que vem com o foco em ter um sonho é que muitas vezes você está escolhendo coisas que já existem, que já estão disponíveis para você. E isso pode ser minimizador. Isso pode focá-lo em algo, digamos, pode haver pessoas na audiência hoje que sonham em ser um *video blogger*, mas e se houver uma carreira diferente que você poderia seguir, e que simplesmente não existe ainda, mas você não vai focar nisso porque você não consegue pensar nisso, porque não existe?<sup>83</sup>

O YouTube se transformou em uma plataforma em que as pessoas escolhem *o que e quem* querem assistir, baseadas em seus gostos e interesses do momento. Assistir o cotidiano de vários como McDonnell traz para o espectador a experiência vívida de participar e compartilhar da vida de outra pessoa como um amigo próximo. Acredito que tenha sido essa a sensação de Charlie ao assistir o vídeo de alguém tão entediado quanto ele estava em 2007.

---

<sup>83</sup> “My generation is taught to following the narrative of success. Have a dream, follow that dream, achieve that dream, achieve happiness and fulfillment. And I like that that’s the narrative we’re given. I think its better than what came before it. I think the equivalent of following your dreams was “get a real job”. So its definitely a bit nicer but I think it has some flaws. But I never dreamed I’d be in this position, because this position didn’t exist when I was dreaming of what I wanted to be. And that is, I think another flaw that comes with focusing on having a dream is that often you’re picking from things that already exist, that are already available to you. And that could be minimizing. That can focus you on something, say, there might be people on the audience today that dream of being a video blogger, but what if there’s a different possible career that you could be following that simply doesn’t exist yet, but you’re not going to focus on that because you can’t think of it, because it doesn’t exist.” MCDONNELL, Charlie. *How To Unfollow Your Dreams*. Palestra proferida no TED Talks, Bath, Inglaterra, dez. 2016, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8j-3hzOEv0> / último acesso em: 24 de março de 2020.

No caso de McDonnell, que fez do YouTube a sua principal fonte de renda, o trabalho não foi sonhado e, longe disso, não existia há alguns anos atrás:

Nunca sonhei em fazer o trabalho que estou fazendo hoje. Eu sou um *videoblogger*. Para quem não sabe, é alguém que basicamente fala para uma câmera e envia os resultados para a internet. Venho fazendo isso há dez anos, é o único trabalho que já tive e é um trabalho adequado também.<sup>84</sup>

No entanto, há pontos no discurso de McDonnell que pedem um olhar mais atento. Vistas as reconfigurações no tecido social das formas de trabalho que têm sido discutidas ao longo deste trabalho, experiências como a de Charlie podem ser vistas como possibilidades de se pensar novos futuros e/ou possibilidades de fragmentação do mesmo. Afinal, onde antes se tinha um discurso de progresso, de melhora, de possibilidade de planejar uma carreira, agora tem-se o discurso disruptivo da inovação. Enquanto o primeiro diz sobre uma melhora ao que veio anteriormente, o segundo diz sobre uma ruptura com o passado. Espera-se por um futuro desconhecido e sem garantias porque as possibilidades de um futuro conhecido estão perdendo a sua conexão com o passado. Criamos, assim, uma sociedade fragmentada, ansiosa e hiperacelerada. Além disso, por mais que trabalhar como youtuber seja considerado um trabalho adequado, como afirma McDonnell, uma vez inscrito no contexto do capitalismo neoliberal onde ele próprio é uma empresa, há de se contar com a alta performance para manter os espectadores.

De acordo com Márquez e Ardèvol, "em pouco tempo, os youtubers —jovens internautas que alcançaram certa fama pelos vídeos que postam no youtube— tornaram-se novos modelos para crianças e jovens, o tipo de público que costuma ver, seguir e comentar

---

<sup>84</sup> "I never dreamed of doing the job that I am doing today. I am a video blogger. For those of you who don't know, this is someone who basically kind of talks to a camera and uploads the results to the internet. I've been doing this for ten years, it's been the only job I've ever had and it is a proper job as well." MCDONNELL, Charlie. *How To Unfollow Your Dreams*. Palestra proferida no TED Talks, Bath, Inglaterra, dez. 2016, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8j-3hzOEv0> / último acesso em: 24 de março de 2020.



seus vídeos."<sup>85</sup> Não à toa, mecanismos de estratégias de performance foram desenvolvidos pela Google como vimos acima. Como concluem os autores:

Nos últimos anos, o fenômeno dos YouTubers —e do YouTube como um todo— sofreu um processo de “colonização” ou “apropriação” capitalista, promovido por grandes corporações midiáticas, que parecem reproduzir a situação de controle e hegemonia cultural não muito diferente da a era da comunicação de massa.<sup>86</sup>

Acredito que esse movimento exercido pela governança neoliberal traz, também, outra questão. De um lado, na medida em que o Estado é desmantelado e surgem poderes fragmentados em iniciativas privadas, são criadas novas (e efêmeras) ocupações no mercado de trabalho, muito impulsionadas pela Web 2.0. Assim, surge um embate de narrativas entre gerações que ainda coexistem: o da legitimidade. McDonnell afirma que viveu o que ele chama de “cair na armadilha da legitimidade”, mas atento para que também possa ser lido como armadilha da precarização. Quando isso aconteceu, o britânico se viu pressionado a buscar uma posição mais legítima do que já vinha fazendo, que foi o cinema:

Pensando em retrospectiva, a razão pela qual escolhi o cinema em primeiro lugar é porque parecia uma versão mais legítima do que eu já estava fazendo. E eu acho isso, da mesma forma que escolher o que está disponível pode ser um fator limitante para você quando você está sonhando, outra coisa que pode ser limitante é cair na armadilha da legitimidade. Lembro que fiz um painel há alguns anos, onde fui apresentado como um *videoblogger* e apresentador da *Radio One*, ambos colocados no mesmo nível, embora eu já vinha sendo *videoblogger* há cerca de oito anos. Eu trabalhava em tempo integral e apresentei na *Radio One* apenas duas vezes. Não ganhava muito dinheiro com isso, e os programas não tinham tido muito sucesso. Mas eles estão no mesmo nível. Ou pelo menos eles eram

---

<sup>85</sup> MÁRQUEZ, I.; ARDEVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropología Social, México, n. 56, 2018. p. 34

<sup>86</sup> Idem.

vistos no mesmo nível simplesmente porque, bem, todo mundo vê ser um apresentador da *Radio One* como algo legal, enquanto um *videoblogger*, isso é novo, menos importante e menos legítimo. Lembro-me de receber mensagens de texto e tweets de pessoas dizendo: “você conseguiu porque está na *Radio One*!” E para mim, eu pensei: “bem, não, eu meio que já tinha conseguido.”<sup>87</sup>

O lugar do “ainda não”, como citado acima, pode ser representado pela experiência narrada em *How To Unfollow Your Dreams*, foi sempre medido por expectativas relacionadas ao passado, mas que construiu uma profissão que não existia antes. Portanto, o conselho de McDonnell não é que as pessoas sejam *youtubers*, sigam sua própria profissão, mas que, na verdade, não sigam receitas estabelecidas pelo passado, se preparando para o sem precedentes, ou, o “ainda não”. O exercício feito por McDonnell é, em certa forma, explicado por Giorgio Agamben:

Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já” que é, também um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar está perenemente em viagem até nós.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> “And thinking in hindsight the reason that I picked filmmaking in the first place it’s because it felt like a more legitimate version of the thing I was already doing. And I think this, in the same way as how picking from what it’s available can be limiting to you when you’re dreaming, another thing that can be limiting is falling into the trap of legitimacy. I remember that I did a panel a few years ago where I was introduced as a video blogger and Radio One presenter both of those put on the same level even though I have been video blogging for about eight years at that point I had made it my full time job and I’d hosted on Radio One twice and not earned much money from it, and the shows hadn’t been particularly successful. But they are the same level. Or at least they were perceived to be the same level simply because, well everybody sees being a Radio One presenter as this cool big thing whereas a video blogger, that’s new, less important and less legitimate. I remember getting text and tweets from people saying, “You’ve made it because you’re on Radio One!” And to me, I was like, “well, no, I’ve actually kind of already made it”. MCDONNELL, Charlie. *How To Unfollow Your Dreams*. Palestra proferida no TED Talks, Bath, Inglaterra, dez. 2016, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8j-3hzOEv0/> / último acesso em: 24 de março de 2020.

<sup>88</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009, p. 70

De acordo com Agamben, reconhecer nas trevas do presente a luz, consiste em, também, se afastar dele, como uma maneira de se colocar fora do tempo. Como no título de sua conferência, McDonnell aconselha as pessoas a não seguirem seus sonhos. Mesmo sendo representante de uma geração pioneira em novas profissões e formas de comunicação, McDonnell se coloca não como representação do novo ou atualizado. O tempo inscrito por sua narrativa fica em um “entre-lugar”, entre o “muito cedo” e o “muito tarde”, como descrito por Agamben no parágrafo acima. Dessa maneira, sua narrativa está em posição de tensão, fora e dentro do próprio tempo. Isso porque os sonhos são baseados em expectativas do passado e o que deve ser vivido é a parcela no/do presente que ainda está por vir:

Já que o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver. A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente que jamais estivemos.<sup>89</sup>

François Hartog também se preocupa com o problema de um diagnóstico do mundo contemporâneo. De acordo com Marcelo Rangel e Valdeci Araújo, tal diagnóstico

Seria determinado por um "regime de historicidade" específico, o do "presentismo", de modo que a teoria e a história da historiografia podem constituir-se como âmbito ideal para a tematização desse tempo, tornando possível a investigação dos motivos responsáveis pelo que podemos chamar de uma relação "desequilibrada" entre o presente e determinados passados.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009, p. 70

<sup>90</sup> RANGEL, M. DE M.; DE ARAUJO, V. L. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. P. 329

Nesse sentido, o argumento do texto de Rangel e Araújo consiste em discutir, a partir do giro linguístico ao giro ético-político, demandas da presentificação da sociedade. Tais demandas em latência do presente preenchem o debate com Gumbrecht (1999; 2011) que

Trata-se da necessidade/possibilidade antropológica de projeção, expectativa ou ainda desejo, estrutura fundamental, inclusive, para o que o autor chama de necessidade dos homens em geral em relação ao material produzido pela historiografia e pelos demais âmbitos da cultura histórica. E, mais, é a própria relação entre essa determinação antropológica, a fascinação (desejo de transcender o nascimento também em direção a mundos passados), e determinada conjuntura contemporânea marcada pelo encurtamento significativo do futuro ou do "horizonte de expectativa" que explicaria ou ajudaria a diagnosticar o "cronótopo" no interior do qual nos encontramos, o broad present ou "presente alargo".<sup>91</sup>

O exemplo aqui discutido, de Charlie McDonnell, foi utilizado como evidência de um presente imediato impulsionado pelas mídias sociais onde a maneira como experienciamos o tempo é retroalimentada pela racionalidade neoliberal. Diante da lógica da fragmentação, as áreas clássicas de atuação vão perdendo seu lugar e os pactos sociais vigentes vão sendo esvaziados. O ponto que me parece ser mais interessante ao analisar a conferência de McDonnell, no entanto, não é somente a possibilidade de visualização das mudanças no mundo do trabalho e de certa incapacidade de pensar futuros, mas a possibilidade de pensar criticamente a introjeção da mentalidade neoliberal, que acontece principalmente nas novas gerações. Neste sentido, o discurso de McDonnell apresenta quinas de ingenuidade. Parece que nós, como sociedade, estamos ensinando certo fatalismo velado: sim, é necessário se adaptar, tudo vai mudar ou está mudando, não há o que fazer, a tecnologia veio com tudo. Sim, é claro que as novas mídias nos apresentam, todos os dias, maneiras inéditas de

---

<sup>91</sup> RANGEL, M. DE M.; DE ARAUJO, V. L. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. p. 325

configuração social. No entanto, o que foi já foi aqui discutido e reitero é que não devemos tomar as novas mídias como fim. A maneira como lidamos com elas é que pode nos dizer sobre nosso próprio comportamento presente e futuro. Sem falar da maneira como gerenciamos o passado. O que isso importa para nós, historiadores, é que vivemos também, em nossa área, a crise de legitimidade dos sentidos na medida em que o Estado é desmantelado.

## Conclusão

Escrevi esse trabalho com considerável dificuldade. Por um lado, ele é resultado indissociável do tempo neoliberal em que se insere. Foi escrito de maneira disruptiva, solitária, longe do convívio com outros pesquisadores devido a pandemia da covid-19. Foi escrito em um cenário mental parecido com aquele proposto por Pina Bausch no *Café Müller*. Toda fruição do pensamento para a pesquisa foi interrompida diversas vezes durante os últimos dois anos, seja como fruto das práticas neoliberais adotadas pelo Governo Federal quando sofremos um corte de bolsas para a pós-graduação ou pela própria necessidade de encontrar sustento material ao trabalhar precariamente para uma empresa de política junto a outros colegas historiadores. Por outro, a paixão pela pesquisa que ainda resiste e o sentimento de insuficiência que me persegue - sintoma neoliberal diagnosticado pelo meu terapeuta-, me fizeram seguir. Passei por diversos autores que ressuscitaram em mim uma força maior de estudar o neoliberalismo, que hoje entendo como a base que faltava quando quis estudar a história digital, anos atrás.

Frequentemente, me lembro das inquietações de Pedro Telles da Silveira quando apresentou o texto "Teoria da história como crítica do presente", na sessão *Dispersão, depressão e cotidiano acadêmico*, no *X Seminário Nacional de Teoria e História da Historiografia*, na Ufop em 2018. Seus companheiros de mesa eram Gustavo Naves Franco e Thiago Lima Nicodemo e ambos discutiam sobre temas parecidos com o de Silveira no âmbito da depressão, academia e novas tecnologias. A princípio, os três falavam em tom cômico e se perguntavam em que ponto de suas apresentações as respectivas pesquisas conversavam.

Em que momento tecnologia e depressão se encontrariam? E, no fim, elas se tocaram em aspectos surpreendentes para aquele momento, mas que, hoje, nos parece até óbvio

demais (este ocorrido faz parte de uma memória minha enquanto ouvinte do seminário, portanto não há nota de rodapé que possa referenciá-la). Em seu trabalho, Silveira trata a questão cerne de recentes estudos, as novas tecnologias, de maneira marginal. Sua preocupação está em refletir os entrelaçamentos entre o conhecimento histórico e a vida. O historiador fala da frequente preocupação com a saúde mental dos graduandos e pós-graduandos, "fenômeno para o qual é possível apontar uma série de causas, como a presença dos discursos médicos na sociedade e a crescente medicalização dos indivíduos (...) mas também a redução do mercado de trabalho e a diminuição das perspectivas de atuação profissional garantidas pelo diploma universitário."<sup>92</sup> Outra indagação recorrente de Silveira é a mesma que me acompanhou durante todo este trabalho: se esse não é o trabalho da vida, então qual será? Ele pergunta:

se as perspectivas profissionais são cada vez mais fechadas, se até mesmo aqueles que são vitoriosos na carreira, alcançando o posto de professor universitário numa universidade federal, têm de protelar o trabalho das suas vidas, submetendo a vida ao trabalho, então *quando* será o trabalho da vida?<sup>93</sup>

Depois de tantas produções<sup>94</sup> que vieram se desenvolvendo, desde então, preocupadas em se atentar ao neoliberalismo e o sofrimento psíquico, nos é cada vez mais claro que produzir dentro da academia requer uma grande mobilização anímica. Diante dessa mobilização nos perguntamos qual é o nosso lugar enquanto pesquisadores. Rodrigo Turin<sup>95</sup>,

---

<sup>92</sup> SILVEIRA, Pedro Telles da. "Teoria da história como crítica do presente". Disponível em: <https://doca-silveira.medium.com/teoria-da-historia-como-cr%C3%ADtica-do-presente-16996fc5f7f>. Último acesso em 15 de novembro de 2022.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Ver Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior, Christian Dunker. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Editora Autêntica, 2021.

<sup>95</sup> Ver "Presentismo, neoliberalismo e os fins da história." Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZriXQ-G2\\_sw&t=4172s](https://www.youtube.com/watch?v=ZriXQ-G2_sw&t=4172s). Último acesso em 15 de novembro de 2022.

por exemplo, reflete o lugar do historiador nas redes sociais: ativismo ou precarização? O mesmo foi de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho pois se propõe a pensar os fins da história no contexto neoliberal. Turin afirma que

"As universidades brasileiras não deixam de compartilhar certas características gerais que vêm afetando as instituições de ensino na modernidade tardia. A transformação do ensino em um produto de "excelência" a ser vendido, a financeirização das instituições educacionais, as novas demandas de um mercado de trabalho em constante transformação, as novas modalidades de mensuração do trabalho intelectual e pedagógico, a precarização dos contratos são algumas dessas características comuns a um novo horizonte global das universidades."

Alguns autores já vêm nos falando sobre a necessidade do neoliberalismo em gerir o sofrimento, a depressão, que também tem aumentado no ambiente universitário.<sup>96</sup> Nossa constante sensação de incapacidade e insuficiência é usada como força motora na economia.

O fato de que eu, mulher, grávida de sete meses, historiadora com CNPJ<sup>97</sup> e trabalhadora precarizada ainda me sinta mal sobre o movimento inconsistente em que este trabalho foi feito, me diz muito sobre o momento crítico em que vivemos. Portanto, eu poderia escrever, sim, uma conclusão sobre o fenômeno youtuber ou sobre a precarização do trabalho devido à forma com que as novas tecnologias tem sido agenciadas, amarrando todas as pontas e seguindo as normas de um minucioso trabalho acadêmico. Isso tudo foi discutido e estudado. No entanto, este trabalho não fala apenas disso. Pensando na indagação de Silveira, será esse o trabalho da vida? Certamente, não. Mas é um começo.

---

<sup>96</sup> MAIA, Heribaldo. **Neoliberalismo e sofrimento psíquico**: o mal estar nas universidades.

<sup>97</sup> SILVEIRA, Pedro Telles da. Historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e história pública. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 30, maio/ago 2020.



## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**. Chapecó: Argos, 2009
- ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. **Atualismo 1.0** - Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.
- BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Zazie Edições.
- \_\_\_\_\_. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- DIDION, Joan. **O Ano do Pensamento Mágico**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. Biblioteca de teoria política. Edições 70, fevereiro de 2022.
- FRASER, Nancy. **O Velho Está Morrendo e o Novo Não Pode Nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MÁRQUEZ, I.; ARDÈVOL, E. Hegemonía y contrahegemonía en el fenómeno youtuber. *Desacatos*. Revista de Antropologia Social, México, n. 56, 2018.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- STIEGLER, Barbara. **Adapt!**: On a New Political Imperative. Fordham University Press; 1ª edição, 2022.
- TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2020.
- TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. in: AVILA, A. (Org.) ; NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.) . **A História (in)Disciplinada Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.
- ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Editora Intrínseca: 2021.